

Uma casa em Angra, “Numa rua perto do mar”

[A home in Angra, “On a street by the sea”]

Andreia Fernandes*

Ana Salgueiro**

Palavras-chave

Fernando Pessoa, Angra do Heroísmo, *A Palavra*, Estudos de receção, *Persona* açoriana.

Resumo

Em maio de 1902, Fernando Pessoa visitava pela primeira e única vez Angra do Heroísmo e a ilha Terceira. Assinalando os 120 anos desta viagem, e revisitando o processo que, em 1972, levou à identificação da casa onde, numa rua perto do mar, o jovem Fernando e a família foram acolhidos (a casa da tia Anica e do primo Mário), propomo-nos recuperar documentos que atestam essa visita e analisar o modo como, ao longo do tempo, o sistema cultural açoriano tem vindo a reinscrever esse episódio biográfico (que, afinal, foi também bibliográfico), assim como a ligação familiar de Pessoa à ilha Terceira, na memória cultural do arquipélago. Situamo-nos no campo dos estudos de receção da obra pessoana (nos Açores), procurando compreender em que medida esse reiterado processo de reinscrição mnemónica configurou o retrato de um Pessoa quase “poeta açoriano”.

Keywords

Fernando Pessoa, Angra do Heroísmo, *A Palavra*, Reception studies, *Persona* from the Azores.

Abstract

In May 1902, Fernando Pessoa visited for the first and only time Angra do Heroísmo and the Terceira island. Pointing out the 120 years of said journey, and revisiting the process which, in 1972, led to the identification of the house where, in a street near the sea, the young Fernando Pessoa and his family were welcomed (tia Anica and cousin Mário’s home), we propose to recover documents attesting to this visit and analysing the way how, over time, the cultural system of the Azores has reinscribed this biographic episode (which, after all, was also bibliographic), as well as Pessoa’s family connection to Terceira island, in the cultural memory of the archipelago. We are in the field of studies of the reception of the Pessosan work (in the Azores), trying to understand how this repeated process of mnemonic reinscription has made the portrait of Pessoa almost as a “poet from the Azores”.

* Instituto Açoriano de Cultura (Angra do Heroísmo).

** Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de Comunicação e Cultura (Lisboa) e Centro de Estudos de História do Atlântico (Funchal).

Fernando Pessoa, um “quase poeta açoriano”

Na cidade de Angra do Heroísmo, na ilha Terceira (Açores), descemos a calçada da rua da Sé, passamos a igreja, à direita, e viramos pela zona pedonal da rua da Palha que, segundo Pedro de Merelim e Pedro da Silveira, em 1902, ou um pouco mais tarde, teria outro nome quase prenunciador: Rua do Infante D. Henrique (SILVEIRA, 1972: 3)¹. Isto, se pensarmos em *Mensagem*, o livro em que Fernando Pessoa pensou uma das suas múltiplas *casas*, i. e., Portugal. Depois de cruzarmos a rua da Rosa, o mar, em frente, adentra a baía de Angra. À esquerda, a parede do número 26 expõe de forma tímida um painel de azulejos com a seguinte inscrição: “Residência temporária em maio de 1902 do insigne poeta Fernando Pessoa oriundo desta cidade pelo lado materno”².



Fig. 1. Fotografia da casa da rua da Palha (pormenor com a placa evocativa da passagem de Pessoa por Angra do Heroísmo em 1902) © Rui Laureano (2022).

¹ Em artigo de 1972, evocativo dos 70 anos da visita de Pessoa a Angra do Heroísmo, Silveira esclarece que a família visitante ficara alojada em casa dos tios maternos de Pessoa, então residentes “na rua da Palha, n.º 30 (hoje n.º 26): a mesma rua que depois (ou já?) foi crismada de Infante D. Henrique”. Acrescenta que a “precisa localização [...] foi tarefa de P. de Merelim, mediante consulta dos arquivos da Conservatória do Registo Predial e da Sé Catedral de Angra”; uma pesquisa que corrigia a anterior suposição de Silveira relativamente à casa que acolhera Pessoa em 1902. A nova identificação confirmava as referências topográficas que a memória de Henriqueta Madalena Rosa Dias, irmã de Pessoa, ainda conservava da casa de Angra: “**numa rua perto do mar** e também daquela em que se situava a casa que tinha sido dos avós” (SILVEIRA, 1972: 4; negrito nosso, para destacarmos a expressão que, em citação, recuperamos no título do presente artigo).

² Maria Madalena Pinheiro Nogueira, mãe de Pessoa, nasceu em Angra do Heroísmo (Ilha Terceira), em 1861. Em 1865, passa a viver em território continental, depois de seu pai, Luís António Nogueira, ter sido nomeado Secretário-Geral do Governo Civil do Porto. Criada no Porto e em Lisboa, não voltará a viver nos Açores (MERELIM, 1974).



Fig. 2. Fotografia da casa da rua da Palha (fachada principal) © Rui Laureano (2022).

Fig. 3. Fotografia da rua da Palha © Rui Laureano (2022).

A existência desta placa é o resultado de uma proposta apresentada à Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, em 1972, pelo *A União, Diário da Tarde* (jornal em torno do qual, desde o final dos anos 1950, emergia uma dinâmica intelectual, artística e editorial decisiva para a emergência de uma viragem atualizadora no sistema cultural açoriano de então³), quando o seu suplemento literário *Glacial* quis assinalar os 70 anos da visita de Pessoa à cidade terceirense (FARIA, 1972a: 1). Contudo, ela suscitará alguma perplexidade junto daqueles que desconhecem a forte ligação familiar de Pessoa aos Açores e que sabem quão pouco dado a viagens empíricas (pelo menos aquelas que o afastavam das suas rotas quotidianas) era, afinal, este “eterno viajero”⁴.

Trata-se, porém, de um episódio biográfico e também bibliográfico desde há muito referenciado em textos que se ocuparam quer do percurso de vida do autor quer do resgate e da divulgação dos “poems written in childhood, or in boyhood”⁵, expressão do próprio Pessoa para designar a sua juvenília, num dos muitos textos autorreflexivos que iluminam (e outras vezes mais obscurecem) a “antologia que a obra pessoana sempre foi” (PESSOA, 2016: 14).

Contudo, essas referências biográficas e bibliográficas nem sempre foram apresentadas com o devido rigor informativo e documental. E, na verdade, silêncios, imprecisões e erros, repercutidos ao longo do tempo, explicam por que razão muitas vezes se tem ignorado a ligação do jovem Fernando aos Açores, em que medida essa

³ Sobre *Glacial* e o círculo angrense em torno do jornal *A União*, ver ALMEIDA (2011b) e MELO (1982). Na segunda parte deste artigo, reportar-nos-emos a esta questão.

⁴ *Fernando Pessoa, el eterno viajero* foi o título dado, em 1981, por Teresa Rita Lopes e Maria Fernanda de Abreu ao catálogo da exposição homónima promovida pela Secretaria de Estado da Cultura de Portugal, em Espanha. Aí foram publicadas, pela primeira vez, reproduções das páginas manuscritas de um jornal doméstico criado pelo jovem Pessoa em Angra do Heroísmo, em 1902: o diário *A Palavra*. Adiante, regressaremos a este jornal.

⁵ Citação da transcrição que José Blanco faz do manuscrito não datado, divulgado por Teresa Rita Lopes, em 1977, no seu *Fernando Pessoa et le drame symboliste* (il. 14), onde Pessoa “faz uma listagem, seguramente incompleta” dos seus textos desse período (BLANCO, 1985: 27).

ligação terá ou não contribuído para a gênese da sua obra, e (talvez por tudo isto) qual a relevância que a recepção de Pessoa teve no sistema cultural açoriano, questão que aqui nos interessa em particular.



Figs. 4. e 4a. Primeira página do jornal A União (09-05-1972), com chamada de atenção para o suplemento Glacial "em edição especial [...] de homenagem a Fernando Pessoa e comemorativa da sua passagem por Angra em Maio de 1902", e com texto de Carlos Faria, coordenador do suplemento, propondo a instalação de uma placa no n.º 26 da rua da Palha, para assinalar essa viagem.⁶

⁶ Em "Flash", Faria erra na indicação do mês de aniversário de Pessoa: indica outubro, quando é junho.

Flash

Angra, Ilha Terceira...
...Aquele casa da Rua da Palha...
Tem hoje o N.º 26 e chama-se a Rua Padre António Cordeiro. Em 1902 tinha o nome de Rua Infante D. Henrique e o N.º 26 de hoje era o N.º 30 na altura em que João Nogueira de Freitas recebia o capitão de mar e guerra João Miguel Rosa, a família, e uma criada, desembarcados do «Península», a 7 de Maio de 1902 para umas férias na Terceira que por razões acidentais, havia de ser muito curta e pôs os visitantes em fuga para Lisboa no 1.º barco a sair: o «AÇOR». (Ler o trabalho de P. da Silveira e F. Merelim.)
Aquele casa da Rua da Palha...
Nessa altura o Poeta Fernando Pessoa estava nos seus treze anos feitos em Outubro.
Por razões culturais esta casa é ponto histórico e cultural: nela viveu durante a sua estada em Angra o poeta Fernando Pessoa! O «quase poeta açoriano» Fernando Pessoa!
A casa fica em frente do Jornal A União, e da Farmácia Oliveira. O rés-do-chão é do lado esquerdo uma barbearia e do lado direito um depósito de medicamentos e drogas da dita farmácia.
Não é o que se possa dizer uma bela casa, se a compararmos com o tipo característico de casa açoriana que domina a parte baixa da cidade, mas possui a partir de agora uma importância particularmente atípica. Mais um alto ponto se acrescenta ao roteiro cultural de Angra. Deste modo se irá pedir à Câmara Municipal que mande colocar uma placa comemorativa da residência temporária do poeta em Angra. Pode parecer um rotineiro e simples pedido deste Jornal e do grupo de pessoas que nitidamente se debruçam nestas escavações pessoanas, mas reflete uma afirmação à volta do poeta e das suas ligações com a cidade, e que já pertence à própria cidade! Pode ser uma placa, simples, como aquela que se colocou em 1954, na Rua de S. João na casa onde morreu Almeida Garrett! Do Jornal «A União», parte o pedido, mas a ele já estarão certamente ligados todos aqueles que acreditam em «que tudo vale a pena!»

CARLOS FARIA

Aliás, a edição especial que, em maio de 1972, o suplemento *Glacial* dedicou a Fernando Pessoa, não procurava apenas legitimar, junto da edilidade angrense, a proposta de afixação da placa evocativa na rua da Palha. Entre outros propósitos mais ou menos explícitos, pretendia também dar alguma resposta a esse conhecimento incompleto ou desvirtuado, fomentando novas “escavações pessoais” (FARIA, 1972a: 1). Acreditava-se que, através deste processo quase arqueológico de busca de documentos, artefactos e testemunhos pessoais, seria possível “revela[r], acrescenta[r] e corrig[ir], certas inexactidões” nas “referências vagas dadas por relatos de outros biógrafos”, no que dizia respeito à “visita que o autor da ‘Ode Triunfal’ [sic] fez com sua família, à Ilha Terceira em 7 de Maio de 1902” (FARIA, 1972b: 3).

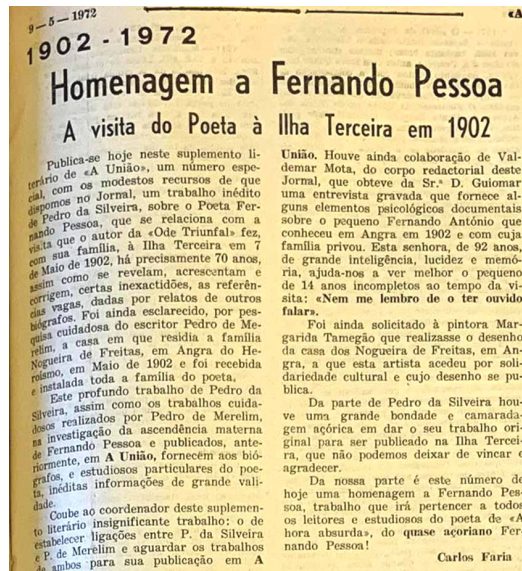


Fig. 5. Editorial de Carlos Faria no n.º 76 de *Glacial*, dedicado a Pessoa (09-05-1972, p.3).

Carlos Faria, coordenador de *Glacial*, considerava, então, poder contar com a colaboração de um grupo de açorianos fortemente empenhados nessa tarefa quase arqueológica, destacando-se, entre eles, dois investigadores com trabalho reconhecido sobre a História e as Letras do / no arquipélago. Pedro da Silveira (Flores, 1922 – Lisboa, 2003), que Urbano Bettencourt recentemente descreveu como o “jornalista, o investigador histórico e etnográfico (‘um dos mais diligentes pesquisadores de literatura em Portugal’ [...]) que fez entrar em circulação muita informação tornada hoje do domínio comum sem que nos preocupemos [...] com a sua proveniência”; o mesmo Pedro da Silveira que, já antes da colaboração em *Glacial*, fora um dos membros mais ativos do “movimento de renovação literária e cultural em Ponta Delgada, a partir da década de 1940, em torno do jornal *Correio dos Açores* e sobretudo d’*A Ilha*” (jornal a que voltaremos adiante), e que, depois do 25 de Abril, seria um dos diretores de serviços da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), com responsabilidades no tratamento dos espólios aí existentes (BETTENCOURT, 2020b:

175). Ao nome de Pedro da Silveira, juntava-se o de Pedro de Merelim (Braga, 1913 – Angra do Heroísmo, 2002), pseudónimo de Joaquim Gomes da Cunha, militar continental de carreira que, na ilha Terceira e de forma autodidata, dedicou parte substancial da sua vida ao jornalismo local e à pesquisa historiográfica e cultural sobre assuntos açorianos.

Acerca do carácter iminente açórico dessas “escavações pessoais” promovidas por *Glacial* em 1972 (às quais também regressaremos adiante), nos dá conta o próprio Pedro da Silveira, quando, três anos mais tarde, nas páginas da revista *Atlântida* editada pelo Instituto Açoriano de Cultura (também em Angra), publicava uma versão atualizada e corrigida do estudo que saíra no suplemento do *A União*. Se Carlos Faria, em 1972, destacava, no seu editorial, a “grande bondade e camaradagem açórica” do florentino Pedro da Silveira (Fig. 5), “em dar o seu trabalho original para ser publicado na Ilha Terceira” (FARIA, 1972b: 3), o mesmo espírito de camaradagem açoriana era sublinhado pelo próprio Pedro da Silveira em 1975, ao evocar a iniciativa do *Glacial*:

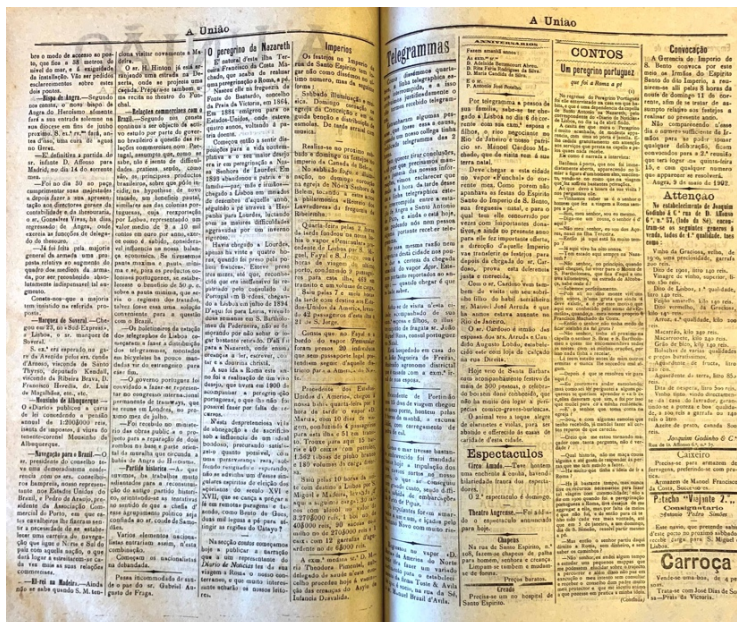
Coisas em que o poeta Carlos Faria, açoriano adoptivo, nos embarca! Inventor do *Glacial*, que durante anos sustentou contra ventos e marés, tinha-se-lhe metido no pensamento comemorar o 70.º aniversário da estada de Fernando Pessoa na Terceira, de que eu vagamente um dia lhe falara. E lá nos pôs a funcionar, para que assim sucedesse na data própria, a mim e a Pedro de Merelim [...]: a meu ver, este outro açoriano, como Carlos Faria, de adopção, que à história da Terceira já antes consagrara algumas monografias valiosas, documentadíssimas, desta vez trouxe à bibliografia sobre Fernando Pessoa uma contribuição inestimável. Pelo que afinal sempre valeu a pena a comemoração imaginada e espiciçada por Carlos Faria.

(SILVEIRA, 1975: 100-101)

As considerações de Pedro da Silveira acerca do valor dos estudos genealógicos sobre a família de Pessoa, que, no quadro das tais “escavações pessoais”, Pedro de Merelim foi publicando no jornal *A União* nos primeiros meses de 1972 (textos que, em 1974, o autor viria a reunir sob o título *Fernando Pessoa e a Ilha Terceira – Figuras do ramo materno do Poeta*⁷), correm o risco de ser lidas apressada e injustamente como uma mera exaltação regionalista ou como um gesto de louvor gratuito das qualidades de um “açoriano adoptivo” (Pedro de Merelim) por um outro autor insular (Pedro da Silveira) que, nas últimas décadas do século XX, muito agitou o

⁷ Apesar de, formalmente, este livro ser apresentado com autoria atribuída a Pedro de Merelim, na verdade, nem todos os textos que aí são publicados (e que constituem versões revistas dos textos produzidos em 1972, no âmbito das “escavações pessoais” promovidas por *Glacial*), levam essa assinatura. Esta falha de rigor formal não implicou, contudo, qualquer falha deontológica do autodidata Pedro de Merelim que, em nota, depois dos textos de sua efetiva lavra, esclarece: “O estudo que se segue pertence ao escritor açoriano PEDRO DA SILVEIRA, a quem agradecemos a colaboração que veio completar e esclarecer um aspecto da vida do Poeta Fernando Pessoa. Outrossim, o nosso muito obrigado a VALDEMAR MOTA, pela entrevista com que rematamos o trabalho presente” (MERELIM, 1974: 86).

polémico debate acerca da açorianidade, quer do ponto de vista estético-literário quer político.⁸ Porém, a relevância do estudo genealógico assinado por Merelim, ao qual poderíamos acrescentar o texto do próprio Silveira publicado em *Glacial* – “Fernando Pessoa nos Açores em 1902 e as suas outras viagens” – confirma-se, efetivamente, por neles se encontrarem informações ainda hoje válidas e que continuamente têm sido utilizadas em estudos posteriores⁹. Motivo acrescido para aqui revisitarmos esses (e outros) textos açorianos sobre Pessoa, partilhando as respetivas referências ou até a sua digitalização. Deste modo, procuramos torná-los acessíveis a leitores que, pela distância geográfica existente entre si e os arquivos do arquipélago, dificilmente a eles chegariam.¹⁰



Figs. 6 e 6a. Edição do jornal *A União* de 09-05-1902 (pp. 2-3), onde surge a notícia da visita da família Rosa e Angra e pormenor da pág. 3.

⁸ Sobre o conceito de açorianidade em Pedro da Silveira, ver LEITE (2006). Sobre o debate em torno do conceito de açorianidade, ver ALMEIDA (2011a, 2014).

⁹ Ver, p. ex., a mais recente biografia de Pessoa assinada por Richard Zenith. Note-se, contudo, que na volumosa bibliografia final desta biografia apenas surge a referência ao livro de Merelim de 1974, com a anotação: “Contains genealogical and other information about Pessoa’s maternal relatives. A couple of the most important chapters were written by the poet, researcher, and librarian Pedro da Silveira” (ZENITH, 2021: 1157). Depreende-se que o biógrafo não terá tido acesso às versões de 1972 e de 1975 de “A viagem de Fernando Pessoa a Terceira em Maio de 1902”, publicadas autonomamente por Silveira.

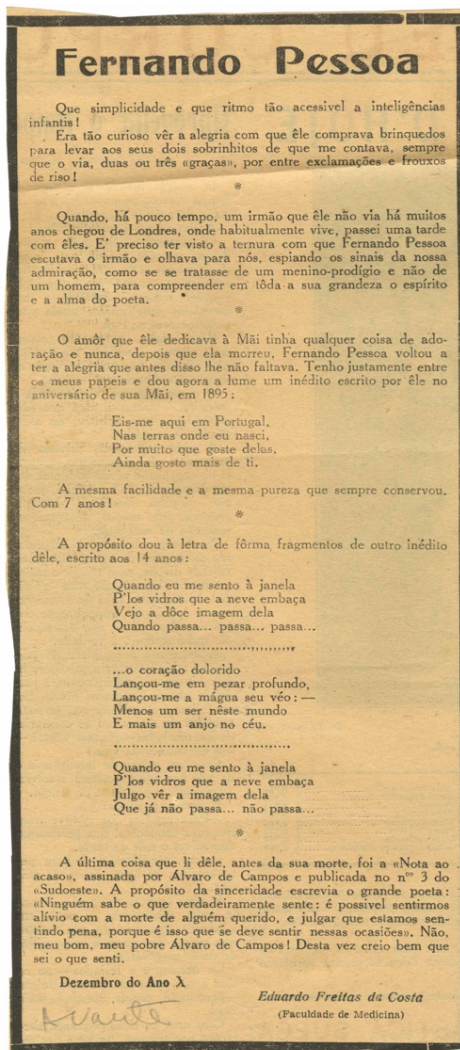
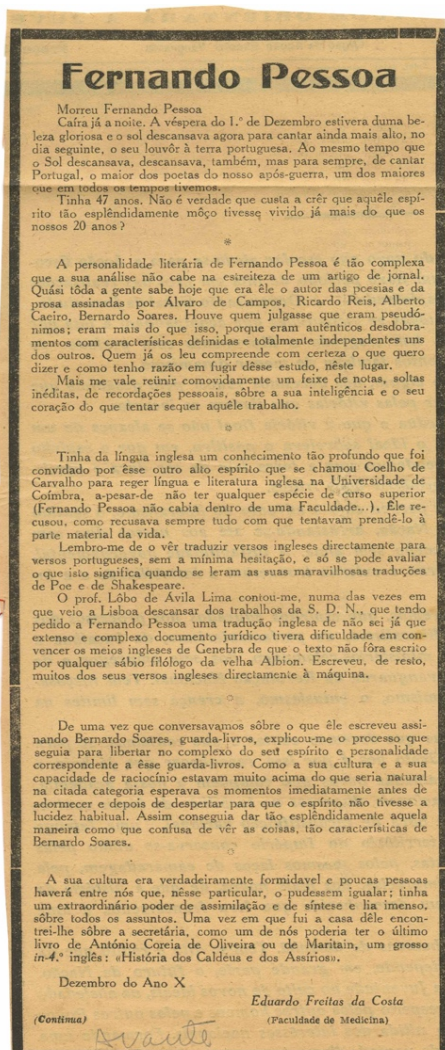
¹⁰ A disponibilização, no presente artigo, das versões digitais de alguns textos açorianos sobre Pessoa só foi possível graças à pronta e generosa colaboração quer da Biblioteca Pública e Arquivo Regional Luís da Silva Ribeiro em Angra do Heroísmo quer da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, a cujas direções e equipas técnicas aqui fazemos o devido agradecimento.

Vida e Obra de Fernando Pessoa, livro de referência publicado em 1950 por João Gaspar Simões, que, ao longo do século XX, cristalizou uma certa leitura presencista da figura e da obra pessoanas¹¹, foi, segundo Pedro da Silveira, a primeira publicação a fazer referência à viagem do jovem Fernando aos Açores, em 1902 (SILVEIRA, 1975: 104). Porém, a inclusão dessa notícia biográfica não invalidou que o primeiro biógrafo transcrevesse de forma incompleta, imprecisa e sem a devida indicação da fonte, um dos textos que, em 1902 e em Angra do Heroísmo, Pessoa (então com apenas 13 anos) incluíra em *A Palavra*, um dos vários jornais *de faz de conta* que criou na adolescência (SILVEIRA, 1988: 101-102). Algo que, afinal, já acontecera com o mesmo poema, em dezembro de 1935, quando Eduardo Freitas da Costa, evocando o recente falecimento de Fernando Pessoa, seu primo materno em segundo grau, publicou um texto-homenagem em *Avante, Órgão da Acção Escolar Vanguarda*, onde transcreveu fragmentos de “Quando ella passa” (o mesmo poema parcialmente transcrito por Gaspar Simões em 1950), mas sem aí incluir qualquer referência à data e ao local onde fora publicado, e sem identificar a assinatura autoral que o subscrevera.

Já depois de Teresa Rita Lopes, no catálogo *Fernando Pessoa, el eterno viajero* (1981), ter dado a conhecer reproduções das páginas de *A Palavra*, Pedro da Silveira, em 1988, regressava ao tema da adolescência e à juvenília do hóspede que, em 1902, habitara temporariamente aquela casa em Angra. Comemorava-se o primeiro centenário de Fernando Pessoa, e na edição da *Revista da Biblioteca Nacional* que assinalava essa efeméride, o investigador açoriano revisitava os jornaizinhos pessoanos entretanto revelados por Teresa Rita Lopes, transcrevendo e comentando alguns dos textos aí publicados. Deteve-se sobretudo naqueles que tinham um carácter mais literário ou imediatamente lúdico, deixando de lado, curiosamente, outros de carácter mais jornalísticos que, pelo menos no caso d’*A Palavra*, lhe dariam interessantes pistas sobre o que teria sido a experiência açoriana de Pessoa em 1902, aquando da “sua visita com a família à ilha Terceira” (SILVEIRA, 1988: 101).¹²

¹¹ Contrapondo a leitura presencista de Pessoa defendida por Gaspar Simões (e sintetizada em *Vida e Obra*) àquela que foi a *indisciplinadora* proposta por Jorge de Sena, Daiane ARAUJO e Caio GAGLIARDI notam como, ao longo da segunda metade do século XX, a primeira permaneceu como sombra *a contrário* na reflexão de autores que, como Sena, se distanciaram dela: “Ora, parece claro que Jorge de Sena, contrário aos critérios de valor da crítica presencista, os quais, em certa medida, estão na base da biografia escrita por Gaspar Simões, busca estender os caminhos de interpretação da obra (e da figura) de Fernando Pessoa, a fim de alcançar uma compreensão des-subjetivada do poeta e de inserir a sua modernidade em uma renovação da tradição literária [...] a originalidade da obra de Gaspar Simões e suas vias de abordagem pautadas em uma abordagem evolutiva da constituição psíquica e literária do poeta reclamavam um diálogo direto [por parte de Sena], uma travessia pelos mesmos caminhos, de modo a retificar ou ratificar a imagem de Fernando Pessoa que Gaspar Simões lançava a público” (2015: 68).

¹² Ainda que fazendo referência, *en passant*, a charadas, provérbios ou “versos humorísticos”, o artigo de Silveira dá destaque, antes de tudo, à produção lírica mais convencional que Pessoa incluiu nos dois jornaizinhos sob diferentes assinaturas: serão esses os textos que transcreve e comenta com maior atenção. Compara as figuras autorais surgidas nos dois jornais com o posterior heteronimismo



Figs. 7 e 7a. Texto de Eduardo Freitas da Costa, com a transcrição incompleta do poema “Quando ella passa”. Recorte de *Avante* (16-12-1935). Arquivo Virtual da Geração de Orpheu (ANSA-RI-76).

peessoano, percebendo a distância que existiria entre os futuros heterónimos e os “disfarces de mais um brincar aos colaboradores em jornais manuscritos, caseiros ou da escola” criados entre 1902 e 1905 (SILVEIRA, 1988: 97). Porém, o enfoque dado às “**poesias** de 1902, acaso 1903 e ainda 1905” em que “Fernando Pessoa se mascarou” revela como a atenção de Silveira em 1988 era influenciada pelo fascínio suscitado pelo *drama em gente poético*, negligenciando os contributos em prosa (SILVEIRA, 1988: 97; negritos nossos). Embora, neste caso, não fazendo a transcrição textual, nota como a edição de 17-09-1905 d’*O Palrador* se ocupa, “em prosa, da guerra russo-japonesa” (SILVEIRA, 1988: 102), mas não repara na informação sobre a Terceira deixada nos textos em prosa publicados em *A Palavra* (SILVEIRA, 1988: 101). Ainda em 1988, mas já na *IX Semana de Estudos dos Açores* dedicada ao tema *O Conhecimento dos Açores através da Literatura* e promovida pelo Instituto Açoriano de Cultura, José Augusto Seabra saúda também o centenário pessoano com um texto sobre “Poesia e insularidade em Fernando Pessoa”, onde revisita as páginas de *A Palavra*, evocando as ligações do seu criador aos Açores. Como Silveira, Seabra valoriza, sobretudo, a poesia mais convencional publicada no jornalinho: “o poema [‘Quando ella passa’] que foi, sem dúvida, o principal acto seu a revelar nessa passagem pela Terceira” e “Epitaphio” (SEABRA, 1998: 246-248).

Nesse artigo publicado por ocasião do centenário de Pessoa, Pedro da Silveira, lembrando os trabalhos que, antes da divulgação de Teresa Rita Lopes, haviam feito referência ao enigmático poema “Quando ella passa”, não deixa, contudo, de apontar a manifesta falta de rigor aí evidenciada relativamente a esse poema e, *pour cause*, também ao que fora a única viagem pessoana aos Açores. Falhas sem justificação plausível, para o estudioso florentino (então já a trabalhar na BNP e com acesso direto ao núcleo do Arquivo Pessoa aí depositado desde 1979, mas onde *A Palavra* não se encontrava), uma vez que tanto Eduardo Freitas da Costa, em 1935 (Figs. 7 e 7a), quanto Gaspar Simões, em 1950, teriam tido acesso aos exemplares do jornalzinho conservados pela família. Dessas faltas de rigor, só depois de 1981 diagnosticadas e corrigidas, teriam decorrido enviesamentos de leitura do poema em causa e de outras juvenílias do autor, que, conseqüentemente, subverteram o seu enquadramento na galáxia pessoana. Um enviesamento a que, de resto, o próprio Silveira não escapara no texto publicado em 1972 em *Glacial* e nas suas subsequentes versões atualizadas.¹³

[...] essas estrofes com uma delas coxa e a data indicada por Gaspar Simões viriam a ser o que de “Quando Ela Passa” entrou, não muito acertadamente [...] no corpo do *Cancioneiro* ortónimo da *Obra Poética* organizada por Maria Aliete Galhoz para a editora Aguilar do Rio de Janeiro [...]. Esta espécie manuscrita [...] parece encontrar-se [...] na parte do espólio de Pessoa que a família conservou em sua posse. Quanto a ter sido precisamente d’*A Palavra* que Gaspar Simões copiou as três estrofes com uma delas amputada de “Quando Ela Passa”, quanto a também ter visto os outros jornais manuscritos da adolescência do poeta, penso não ficarem muitas dúvidas face à sumária análise global que na obra citada (2.^a edição, s.d., p. 74-75) faz da sua produção lírica de 1902: “Já então a sua poesia brotava alheia às circunstâncias”. Isto, embora discutível, não se escreve conhecendo-se apenas um fragmento de uma poesia. É de mencionar, mesmo assim, que Eduardo Freitas da Costa já publicara aquele excerto de “Quando Ela Passa” (com a quadra do meio completa e parte do último verso da que lhe vem atrás) no seu artigo “Fernando Pessoa” do *Avante!* (número 3, 16-12-1935), onde também vem a quadra à mãe de 1895.

(SILVEIRA, 1988: 101-102)

¹³ Em 1972 e em 1975, Silveira localizava em Angra o poema da juvenília pessoana parcialmente transcrito por Gaspar Simões. Supunha, porém, tratar-se de um texto isolado. *A Palavra* só seria dado a conhecer em 1981. Assim, Silveira não tinha como saber, nos anos 1970, o nome da figura autoral que assinava o poema (Dr. Pancrácio) e onde este fora publicado. No entanto, já então notava: “registre-se que da visita de Pessoa à Terceira ficou uma poesia, em data a segunda das mais antigas que dele se conhecem. Chegou-nos numa versão incompleta, ou que assim me parece. Escrita na véspera do seu embarque de retorno a Lisboa, ou seja, a 15 de Maio de 1902, intitula-se ‘Quando ela passa’” (SILVEIRA, 1972: 3); “nada há nesta poesia de principiante adolescente (quadras – a segunda com falta do primeiro verso, perdido ou nem escrito –, redondilho) que os [*sic*] situe nos Açores, em Angra, senão a data de feitura” (SILVEIRA, 1975: 115-116). Porém, como veremos adiante, outros textos de *A Palavra*, então ainda não conhecidos publicamente, apontavam diretamente para o quotidiano angrense dos residentes na casa da rua da Palha, em maio de 1902.

Na verdade, a *experiência açoriana de Pessoa* surge intimamente ligada a essas primeiras experimentações jornalísticas e editoriais. Sobretudo se entendermos (como aqui procuramos demonstrar) que essa *experiência açoriana de Pessoa* (nomeadamente a do pequeno e jovem Fernando António, em certo sentido não diversa da de outros filhos de açorianos e açorianas na diáspora) não se esgotou na viagem a Angra de 1902, antes se estendendo ao convívio com a família terceirense que marcou a sua infância e adolescência.

De resto, esta parece ser a leitura que, de forma mais ou menos explícita, vários críticos e biógrafos, recentemente, têm vindo a fazer da relação de Pessoa com o arquipélago materno. A começar por Pedro da Silveira que, logo no momento em que *Glacial* procurava reinscrever a memória da viagem pessoana de 1902 no imaginário cultural açoriano, esclarecia, sem grandes hesitações:

Nove dias em uma terra, mesmo vividos, como é o caso, num lar de família, não deixam, ou só muito excepcionalmente poderão deixar, seja em quem for, criança, adolescente ou adulto, mais do que umas tantas recordações que o tempo, como à fotografias, irá delindo. Não o juro, mas inclino-me a crer que a ilha Terceira não existiu em Pessoa para além do sangue, ou, se sim, foi num plano digamos mítico [...], obra do seu ambiente familiar de Lisboa: o que contavam, evocavam, a mãe, principalmente as tias velhas, e as pessoas amigas delas.

(SILVEIRA, 1975: 113)¹⁴

E acrescentava ainda, em nota:

Tanto em vida do conselheiro Luís António Nogueira [avô materno de Pessoa] como depois, a família materna de F. Pessoa sempre cultivou em Lisboa amizades açorianas. Quando morreu Joaquim Pessoa até o médico da família era um açoriano, da Terceira, o dr. João Gregório de Korth. E se tais amizades se mantiveram pelos anos adiante mostrou-o Jorge de Sena, nas primeiras páginas do seu ensaio “Vinte e Cinco Anos de Fernando Pessoa” (in *O Poeta É um Fingidor*, Lisboa, 1961, pp. 79-95). Em Durban e Pretória, recorda a Senhora D. Henriqueta Madalena Rosa Dias, sua mãe frequentemente evocava pessoas e acontecimentos de ou ligados à sua ilha.

(SILVEIRA, 1975: 113)

Por seu lado, em 1988 e também na ilha Terceira, por ocasião da *IX Semana de Estudos dos Açores*, José Augusto Seabra, evocando a viagem de 1902 (que melhor conhecera pela leitura dos trabalhos de Silveira) e o centenário pessoano, defenderá que “a viagem de Fernando Pessoa a Angra, com a família, foi além do mais um daqueles raros instantes de reencontro com a sua ascendência materna açoriana, que em Lisboa se mantinha, mas não com as raízes à vista” (SEABRA, 1988: 257). Leitura

¹⁴ Uma primeira versão deste texto de 1975 foi publicada em 1972, no suplemento *Glacial* já antes referido e a que regressaremos adiante. Optámos por citar a versão de 1975, por ser mais recente e incluir pequenas correções e ajustamentos entretanto introduzidos por Silveira.

com a qual concordamos, apesar de considerarmos serem dificilmente sustentáveis outras interpretações defendidas por Seabra nesse texto, nomeadamente quando atribui à poética pessoana uma insularidade ontológica que, em seu entender, mais decorreria “do ser” ilha pessoana do que “do estar” Pessoa em territórios insulares (SEABRA, 1988: 250). O carácter plural, tensional e elíptico que encontramos na obra pessoana parece-nos ser incompatível com a geometria circular e monocêntrica que a ilha simbolicamente representa, mais se coadunando com a geometria fragmentária e policêntrica do arquipélago.

Mais recentemente, notemos também a biografia de Richard Zenith, onde este autor atribui a inspiração para as iniciais experimentações jornalísticas e editoriais de Pessoa ao convívio muito próximo que, desde criança, manteve com o tio Manuel Gualdino da Cunha, marido da tia-avó materna Maria da Cunha. À semelhança do que ocorria em casa da mãe em Lisboa, também estes tios-avós, ainda que afastados em termos geográficos dos Açores, mantinham correspondência com os familiares que permaneciam na ilha ou residiam na diáspora, acompanhando as notícias do arquipélago que os jornais de então difundiam. Deste modo, ativavam-se as memórias açorianas da família e os laços de pertença a essa comunidade imaginada.

Ainda a respeito da *experiência açoriana de Pessoa lato sensu*, lembremos que Maria Madalena Nogueira (Rosa), em 1885, quando preparava a partida (depois cancelada) para Moçambique, ao encontro do seu segundo marido, João Miguel Rosa, chegou a equacionar a possibilidade de Fernando ir viver para a Terceira, com a avó Madalena e a família da irmã, Ana Luísa Pinheiro Nogueira. Afinal, a mesma família, que, em 1902, receberia de facto a visita dos Nogueira Rosa na sua casa de Angra. Segundo Richard Zenith, em alternativa ao acolhimento do pequeno Fernando, em Lisboa, pela tia-avó Maria e pelo tio-avô Cunha, Maria Madalena considerara que a transferência de Fernando António para Angra do Heroísmo seria a opção menos traumática:

Pessoa's mother [...] In a letter sent to her sister, Anica, on January 4, 1895, one week after their mother had arrived at Lisbon from Terceira and three weeks after João Miguel Rosa was named captain of the port of Lourenço Marques, she was decided about what to be done:

Fernando will go to the island with Mom. Mindful of the fact that this poor innocent has no father and will live far away from his mother for a long time, treat him like another son, and I'm sure he'll be as affectionate as if he really were yours, You can't imagine how hard it is for me to be separated from the boy [...]

Grandma Madalena, in her own, contemporaneous letter to Anica, claimed that Fernando was excited about going back with her to the Azores. If he showed a little excitement, it was because they didn't tell him that the separation from his mother was likely to last for years. Aunt Maria and Uncle Cunha were pushing for the boy to live with them, which Grandma Madalena thought was a terrible idea. She felt they spoiled him too much [...]. If indigenous Mozambicans had not chosen that moment to take up arms against the Portuguese

colonizers, obliging Pessoa's mother to postpone her marriage and departure to Africa, then Fernando Pessoa might have spent the rest of his childhood on the island Terceira.

(ZENITH, 2021: 46-47)

Nesse círculo familiar com forte ligação aos Açores destacava-se o já referido tio Cunha, a quem Richard Zenith, após consulta da correspondência trocada entre tio e sobrinho, atribui o papel de cúmplice e mediador entre o pequeno Fernando e outros mundos. Terá sido o tio Cunha quem apresentou o sobrinho-neto, ainda criança, ao universo das redações de jornais e dos prelos e terá sido também com ele que Pessoa, desde muito cedo, criou as primeiras personagens ficcionais, povoando, com elas, o mundo paralelo de *faz de conta* que ambos partilhavam nas suas brincadeiras quotidianas. Uma camaradagem fomentadora da inventividade e do fascínio pelo jornalismo e pela engenharia editorial que, ainda segundo Richard Zenith, se manteve entre ambos, através de correspondência regular entre Lisboa e Durban, durante o primeiro período africano de Pessoa:

Uncle Cunha [...] liked to take Fernando along when running errands or making the rounds to visit friends. One of their regular stopping places was the newsroom of the *Correio da Noite*, the official paper of the Progressive Party, which Cunha fervently supported. As the staff of journalists drafted the stories that would be published late [...], he talked with them about the day's events and showed off his grandnephew, whom they adopted as a kind of mascot. They showed him how copy was produced in columns and how pages were laid out for printing. Completely fascinated, Fernando stored away what he learned for future use [...] More important, for his future development, was this great-uncle's talent and fondness for making up elaborate stories that imitated and ran parallel to real life [...] What I want to point out now is that the boy's reading, writing, publishing aspirations, and private world of fictional characters [...], all evolved together. And newspapers were the place where all these interests converged. It would warmed the heart of his late uncle Cunha to know that the boy had combined their old game of inventing imaginary people with a new game, journalism, inspired by their frequent visits to the newsroom of the *Correio da Noite* when he was younger. Uncle Cunha had also supplied his nephew with newspapers or sections of newspapers, such as the humor pages, that a small boy fond of reading could appreciate, and, up until his death, he continued this practice—sending them by mail—once Fernando moved to Durban.

(ZENITH, 2021: 39-40)

Ora, em 1901-1902, retornado de Durban a Portugal, na companhia da mãe, dos dois irmãos bem mais novos (Henriqueta, com cinco anos; Luiz, com dois anos incompletos) e do padrasto (cônsul português naquela cidade africana, a quem fora concedido um ano de licença), não surpreende que o jovem Fernando, embora já não podendo contar com a cumplicidade inventiva do tio Cunha (recentemente falecido), tenha investido a sua criatividade na elaboração de dois jornais domésticos, continuando, de forma um pouco mais elaborada, o processo de edição jornalística artesanal que, em abril de 1901, experimentara em Durban.

Fá-lo em Lisboa em 1902, antes e depois da viagem aos Açores, com a criação d’*O Palrador*, ainda que este periódico continue a ser editado em Durban no ano seguinte e seja reativado em 1905, de novo em Lisboa, quando Pessoa se instalou em definitivo na capital portuguesa (LOPES, 1990a: 91-96).

Mas fá-lo também em Angra do Heroísmo, durante o breve período de nove dias em que aí permaneceu (entre 7 e 16 de maio de 1902), e onde, na verdade, Pessoa inventou a história / cena do jornal *A Palavra*¹⁵, dotando-o da respetiva equipa redatorial e dos necessários autores colaboradores: o “Director F. Pessôa”, no n.º 2, que, no suplemento do n.º 3, passa a ser “F. Pessôa (Dr. Pancrácio)”; o “Redactor M. N. Freitas”; e vários colaboradores, entre os quais são identificados o poeta Dr. Pancrácio (autor de “Quando ella Passa”) e a charadista Lili (LOPES, 1990b: 130-133).

Circunstâncias de ordem meteorológica, sanitária, familiar e afetiva terão favorecido a inventividade do jovem Pessoa. Por um lado, o isolamento insular, adensado pelo mau tempo que se fez sentir desde o desembarque dos Nogueira Rosa na Terceira, causando danos em várias infraestruturas insulares;¹⁶ a estas condições atmosféricas o próprio jornalzinho não é alheio, editando um suplemento do seu n.º 3 inteiramente dedicado ao “Terrível cyclone no Caes das Hortaliças. Diversos estragos e mais pormenores”, com direito a desenhos que ilustravam o local e alguns protagonistas dos incidentes registados na ilha (LOPES, 1990b: 132-133).¹⁷ Por outro

¹⁵ Sobre *A Palavra*, Zenith afirma que “on May 14, one week after arriving at Terceira, Fernando brought out the inaugural issue of *A Palavra (The Word)*, a daily paper that lasted for three days” (ZENITH, 2021: 118). Este n.º 1, embora não tendo sobrevivido, teria um formato “presumably similar to the next day’s”, “consisting of just two pages and with a masthead listing ‘F. Pessôa’ as the editor in chief and ‘M. N. Freitas’ (his cousin Mário) as the chief reporter” (ZENITH, 2021: 118). D’*A Palavra* conhecem-se hoje, as edições que Teresa Rita Lopes divulgou no catálogo de 1981 e voltou a reproduzir no volume II de *Pessoa por Conhecer*: o n.º 2, datado de 15 de maio de 1902; e um suplemento do n.º 3, de 16 de maio de 1902 (LOPES, 1990b: 130-133). Notamos que alguns dos textos d’*A Palavra* publicados por Teresa Rita Lopes foram também transcritos por Pedro da Silveira, em 1988, na já referida edição da *Revista da Biblioteca Nacional* comemorativa do Primeiro Centenário de Fernando Pessoa.

¹⁶ Segundo Pedro da Silveira, Pessoa chega a Angra, com a família, a 7 de maio de 1902, um dia depois do previsto, em consequência do mau tempo que se fez sentir no final da viagem: “Quando o Peninsular se fazia à barra do Tejo o mar apresentava-se chão e até S. Miguel não teve má viagem. A sua chegada ali foi a 4 de Maio, para sair a 5 rumo à Terceira. Neste dia ainda o mar à banda de Ponta Delgada era pouco agitado e a comunicação telegráfica de Angra, onde o S. Paulo, de nacionalidade alemã, tomava mais uma leva de emigrantes para os portos do Brasil, dava-o ‘plano’. Mas de 5 para 6 o vento torceu a sueste, alevantado. Consequentemente, a mansidão transtornou-se na baía aberta a esse quadrante entre o Castelinho e o Monte Brasil, e o paquete da Insulana só pôde aportar à Terceira na tarde de 7, um dia atrasado” (SILVEIRA, 1975: 108).

¹⁷ Seabra nota como nessa “reportagem [...] de um ‘terrível ciclone’ no ‘Cais das Hortaliças’, [...] se assinalam, com pormenores morosos, os efeitos devastadores, sendo desenhado à pena o ‘retrato fidedigno’ do Capitão Corte-Real, promovido a herói salvador, assim como o velame do ‘batel Valério’, tragicamente virado pelas vagas revoltas”, verificando-se o cuidado “de descrever ou narrar factos reais” (SEABRA, 1998: 248). Em seu entender, o “duplo rastro, poético e jornalístico” detetável

lado, a intimidade do convívio familiar com o primo Mário (quase da mesma idade de Fernando e seu comparsa na redação inventada d'*A Palavra*), com a prima Maria e os irmãos mais novos, todos coabitantes na casa da rua da Palha, onde se mantinham ao abrigo do risco de contágio epidémico por meningite que, então, ameaçava a Terceira¹⁸, e cujos episódios domésticos acabaram por ser humoristicamente noticiados nas páginas do jornal: “aquella terrível febre de retrete que tanto” apoquentava a “Ill.^{ma} Ex.^{ma} Senhora D. Teca”; ou o terrível “costume” de “se levantar tardissimo” de que padecia a “Ill.^{ma} Ex.^{ma} Senhora D. Maria Nogueira de Freitas” e que, segundo “dizem todos os medicos formados em direito (de matar gente, já se sabe)” é “muito mau para a saude (especialmente dos pés)” (LOPES, 1990b: 131). E, por fim, mas talvez não menos relevante para o sobrinho-neto do tio Cunha, as memórias e as saudades de outras histórias e figuras ficcionais que, no passado, Fernando António tinha inventado com esse seu velho companheiro agora já falecido.

De facto, para além das notícias do quotidiano familiar angrense, de adivinhas e charadas, *A Palavra* (como aconteceu igualmente com *O Palrador*) deu voz, em forma de letra, a alguns dos primeiros autores ficcionais pessoanos, destacando-se, aqui, o Dr. Pancrácio, mais tarde, e já em Durban, metamorfoseado num latinizado “sósia chamado Pancratium” (PESSOA, 2016: 50). Colaborador assíduo nas três séries conhecidas d'*O Palrador*” (publicação onde teria nascido e cujo n.º 7 o apresentava como seu diretor literário), o Dr. Pancrácio, nas duas edições d'*A Palavra* que sobreviveram, assume um estatuto ficcional oscilante: no n.º 2, surge como *verdadeiro* autor ficcional do poema “Quando ella passa”, que, em rigor, aí é classificado como “Fragmento” “Para Música” (LOPES, 1990b: 130);¹⁹ mas no suplemento ao n.º 3, o “Dr. Pancrácio” é “apresentado como o *nom de plume* [...] de ‘F. Pessôa’, o director do jornal”, confundindo-se, assim, com o seu jovem inventor (PESSOA, 2016: 49-50).²⁰

em *A Palavra* bastava “para dar à meteórica estada em Angra de Pessoa toda a sua carga simbólica” (SEABRA, 1998: 250).

¹⁸ Silveira informa que um surto de meningite cérebro-espinhal fizera as primeiras vítimas na Terceira, “três dias após a chegada do casal Rosa e seus filhos” (SILVEIRA, 1975: 113). O receio de contágio das crianças Nogueira Rosa e da própria mãe de Pessoa, então grávida de novo, determinou que o regresso a Lisboa fosse antecipado para 16-05-1902.

¹⁹ Sobre “Quando ella passa”, ver ZENITH (2021: 118-119), que apresenta uma leitura (intertextual) bem distinta da interpretação biografista que prevaleceu depois da biografia de Gaspar Simões.

²⁰ Pizarro e Ferrari apresentam o Dr. Pancrácio como autor de “textos humorísticos, poemas e cânticos”, “um dos numerosos decifreadores” de charadas publicadas quer n'*O Palrador*, quer no jornal *O Pimpão*, este último com tiragem pública efetiva. O n.º 5 d'*O Palrador* atribui-lhe a autoria do fictício “livro ‘Branços e Pretos’”, publicando nessa edição um fragmento intitulado “Desapontamento”. Em Durban, “Essay on Poetry: Written for the Edification of Would-be Verse-writers” é atribuído a Pancratium. É também “apresentado como pseudónimo de Francisco Páu [...] diretor da secção humorística” d'*O Palrador*. Em 1905, de regresso a Lisboa, surge como autor de um epigrama no n.º 1 da nova série d'*O Palrador* (PESSOA, 2016: 49-50).

A Palavra.

Anno J. Numero 2

Table with columns for Director (J. Soares), Redactor (M. S. Freitas), and main text columns. Includes a small diagram of a house with rooms labeled 'cozinha', 'sala', 'quarto', 'banheiro', 'terrace'.

Table with columns for Director (J. Soares), Redactor (M. S. Freitas), and main text columns. Includes a small diagram of a house with rooms labeled 'cozinha', 'sala', 'quarto', 'banheiro', 'terrace'.

Figs. 8 e 9. Páginas 1 e 2 do n.º 2 de A Palavra.

Table with columns for Director (J. Soares), Redactor (M. S. Freitas), and main text columns. Includes a small diagram of a house with rooms labeled 'cozinha', 'sala', 'quarto', 'banheiro', 'terrace'.

Text columns from the supplement, including a detailed account of a shipwreck and a portrait of a man in a military uniform.

Figs. 10 e 11. Páginas 1 e 2 do suplemento do n.º 3 de A Palavra.

Para além do Dr. Pancrácio, outra personagem autoral da galáxia pessoana nascida nos jornaizinhos artesanais de 1902 surge associada aos Açores. Referimo-nos a Eduardo Lança, cuja voz poética não aparece nas páginas angrenses d’*A Palavra*, mas sim em dois poemas publicados, respetivamente, em maio e julho de 1902, nos números 6 e 7 d’*O Palrador* (“Estátuas” e “Enigma”). Portanto, já depois do regresso a Lisboa. De forma que nos parece ser significativa, Pessoa faz acompanhar a publicação destes dois poemas da referência ao local onde teria ocorrido (em termos ficcionais ou não) a sua escrita: a ilha Terceira (LOPES, 1990b: 139 e 142). Imaginado como um escritor-viajante luso-brasileiro, detentor de uma já sólida obra literária publicada em Portugal – segundo indicações biobibliográficas dadas por Luiz Antonio Congo, jornalista também fictício a quem, nas páginas do n.º 6 d’*O Palrador*, Pessoa atribui o papel de apresentar aos leitores o novo colaborador d’*A Palavra* –, Eduardo Lança é uma personagem autoral dotada de maior complexidade ficcional, desde logo pela existência dessa nota biográfica, que lhe confere o estatuto de ante-heterónimo ou de pré-heterónimo. Termos utilizados, respetivamente, por Pedro da SILVEIRA (1988: 98) e Jerónimo PIZARRO (2018: 71), quando se reportam a figuras pessoanas imaginadas, anteriores aos heterónimos e menos definidas do que estes, mas cujos rostos apresentam já alguma densidade na sua autonomia / despersonalização autoral. Trata-se, portanto, de um dos pré-heterónimos mais antigos de Pessoa, que este quis deliberadamente associar à ilha Terceira: fosse por Lança ter sido engendrado, de facto, durante a estada do jovem Fernando em Angra; fosse por Pessoa, posteriormente, ter imaginado este seu autor fictício como um poeta em visita e em criação literária nos Açores.²¹

A respeito da criação de Eduardo Lança, cujos poemas constituiriam um “caso de referência a local de escrita pouco frequente nesta altura e nestes suportes” (CABRAL MARTINS, 2017: 2), Fernando Cabral Martins chega mesmo a afirmar, pensando o heteronimismo pessoano a partir de uma conceptualização bem distinta do psicologismo presencista de Gaspar Simões:

[...] esse nome passa a constituir um todo literário, e um conceito de autor de espécie nova. Na sua composição dupla, propõe uma síntese entre o lírico e o narrativo (e o dramático, também), e o ponto fulcral mantém-se sempre esse, o de um dispositivo formado por um texto literário e um outro biográfico, uma fórmula que combina literatura + vida, imaginação + história, poesia + ficção, e em que o sinal + se torna, progressivamente, o sinal =.

Assim nasce, no momento da passagem histórica pelos Açores, a heteronímia como princípio composicional, como forma privilegiada na imaginação futura de Fernando Pessoa [...]. Na verdade, o processo de escrita que é [...] exemplificado por Eduardo Lança em 1902 é já o

²¹ Segundo Congo, Lança “nasceu em 15 de Setembro de 1875 na Bahia [...] seguiu os diversos estudos necessários para a carreira comercial”, tendo ficado “orphanó” quando terminava a sua formação. Iniciando, então, a sua carreira comercial, viaja para Portugal, onde percorre o país e onde publica vários livros, sobretudo de poesia (LOPES, 1990b: 140). Sobre o perfil de Lança, ver PESSOA (2016: 71).

mesmo que há-de caracterizar os heterónimos principais na dupla composição de “obras literárias” e biografias associadas.

(CABRAL MARTINS, 2018: 2 e 6)

Neste quadro, razões haverá para nos interrogarmos sobre a eventual irrelevância da viagem de Pessoa a Angra em 1902 e da (não) importância atribuível à *experiência açoriana lato sensu* do jovem Fernando na construção do seu imaginário e na gênese da sua obra.

Em 1972, Pedro da Silveira, ainda sem conhecer as páginas de *A Palavra* e notoriamente condicionado pela leitura da biografia assinada por Gaspar Simões (cuja narrativa, porém, já lhe suscitava algumas reservas), não escondia algum desapontamento pelo que descobrira (não) ter sido a visita do jovem Fernando à Terceira. Cedendo às considerações redutoras do autor de *Vida e obra de Fernando Pessoa*, concluía:

[...] o relato poderia cingir-se agora à transcrição disto que escreveu João Gaspar Simões: ‘Uma epidemia de meningite obriga o cauteloso pai a retirar os filhos para o continente, receoso de que a saúde deles corra perigo [...]’. Na verdade, se alguma coisa lhe falta, é tão-só o pormenor das datas [...]. Não há, de facto, muito mais a referir. Passeios pela ilha, é de admitir que, devido ao mau tempo reinante, os visitantes praticamente os não fizeram [...] se D. Maria Madalena tinha [...] um particular empenho em assistir às festividades do Espírito Santo, as que houve no único domingo da sua estada na Terceira [...] não correspondiam às tradicionalmente mais luzidas [...] os espectáculos de carácter puramente mundano [...] não tinham interesse para quem acabava de chegar de Lisboa [...]. Touradas, de praça ou à corda, não houve nenhuma.

(SILVEIRA, 1975: 114-115)

Contudo, a revelação dos “jornais manuscritos caseiros”, onde Pessoa pôde “brincar aos colaboradores” periodistas, ora mais jornalísticos, ora mais lúdicos, ora mais literários (SILVEIRA, 1988: 97-98), encenando (e ensaiando como experimentação) uma atividade editorial de *faz de conta* que oferecia, a familiares e amigos, a leitura de textos de autores por ele inventados, faz-nos perceber quão ricos e animados terão sido, afinal, os nove dias de permanência do jovem Fernando em Angra. E se as condições atmosféricas e sanitárias obrigaram a família Nogueira Rosa a um certo isolamento no n.º 30 da rua da Palha, evitando atividades sociais de maior proximidade física com o meio empírico terceirense, isso não determinou que a escrita do jovem Fernando “brota[sse] alheia às circunstâncias” locais, como especulava Gaspar Simões em 1950 e Pedro da SILVEIRA lera com suspeição (1988: 102). Pelo contrário, as circunstâncias domésticas e insulares dos dias passados em Angra afloram nitidamente às páginas dos dois exemplares d’*A Palavra* que sobreviveram, revelando a atenção do jovem ao mundo em seu redor, fosse por observação direta, fosse por mediação dos jornais locais, cujo eco (até estilístico) se repercute nas notícias e na reportagem do seu jornalinho *de faz de conta*. Por outro

lado, esse mesmo confinamento doméstico, ditado pelas condições atmosféricas e sanitárias adversas, acabaria por aproximar ainda mais o jovem Fernando de uma outra realidade açoriana mais doméstica (e talvez, paradoxalmente, mais mítica), que lhe era muito familiar desde a primeira infância: a imagem da Terceira e dos Açores, cartografada na sua mente pela partilha familiar de experiências, memórias, leituras de correspondência pessoal e de jornais; um imaginário que decorria da tal *experiência açoriana lato sensu*.

Tanto Pedro da Silveira quanto Lopes ou Zenith reconhecem as naturais fragilidades literárias dos textos do “rapazinho Fernando Pessoa” publicados em *A Palavra* e *O Palrador* (SILVEIRA, 1988: 98), embora encontrem neles quer a confirmação da “desenvoltura do jovem Pessoa no manejo da língua portuguesa” (LOPES, 1990a: 92) quer um dos primeiros ensaios da criação de personagens-autores com distintos perfis. Aspetos que viriam a caracterizar toda a obra plural, heterodoxa e dramática de Pessoa. Zenith conclui, sobre estes “juvenile newspapers”: “besides foreshadowing Pessoa’s complex family of heteronyms, also functioned as a one-man writing workshop, in which the young author tried out various styles and set forth several of the major themes that would recur in his mature work” (ZENITH, 2021:140). Uma perspectiva que, obviamente, Gaspar Simões não teve, nem poderia ter tido em 1950, fosse pelo limitado acesso que, então, tinha aos papéis de Pessoa, fosse por a lente que assumia na leitura da obra pessoana o levar a considerar irrelevante a existência d’*O Palrador* e d’*A Palavra*, ou de figuras autorais como o Dr. Pancrácio, Eduardo Lança ou Lili. Personagens que, afinal, por esses anos, acompanhavam não apenas a circulação de Pessoa entre Lisboa, Angra do Heroísmo e Durban (cidades fundamentais para o desenho do seu imaginário infantojuvenil), mas também a crescente e ávida abertura intelectual, criativa e estética do jovem escritor.

Assim sendo, podemos afirmar com Fernando CABRAL MARTINS que o retorno provisório de Pessoa a Portugal em 1901-1902 constituiu, de facto, um regresso “às suas raízes portuguesas” (2018: 2). Contudo, não apenas porque, nesse período, Pessoa voltou a habitar Lisboa, visitou Tavira (terra da família paterna) ou até Angra do Heroísmo, mas também (ou talvez sobretudo) porque esse regresso ao território português, europeu e insular, significou igualmente a retoma do convívio quotidiano com a família materna de origem açoriana, que marcara toda a sua primeira infância.

A atenção valorizadora que damos à visita de 1902 aos Açores e à produção criativa e textual que o jovem Fernando então desenvolveu não pretende argumentar a existência de uma identidade açoriana no filho de Maria Madalena Nogueira, atribuindo a Pessoa uma identificação comunitária insular. Não pretendemos tão-pouco defender, com SEABRA (1988: 150), a existência de uma insularidade ontológica na obra pessoana. Uma e outra leituras parecem-nos dificilmente sustentáveis, tendo em conta a personalidade prismática, heterodoxa e cosmopolita que desde muito cedo o habitou, ainda que, pelo acima exposto, possamos sustentar, sem grandes

hesitações, a importância que a *experiência açoriana lato sensu* teve na sua vida e na gênese da sua obra. O nosso intento é manifestamente outro: recuperando a memória dessa viagem pessoana até à ilha Terceira, entendida como um episódio biográfico que deve ser integrado numa mais lata experiência açoriana que marcou a infância e adolescência de Pessoa, tentar perceber como o sistema cultural do arquipélago reinscreveu na sua memória cultural esse episódio e a ligação do “insigne poeta Fernando Pessoa” à ilha Terceira (Fig. 1), redesenhando, dessa forma, o rosto e a narrativa de um Fernando Pessoa (quase) açoriano.

Se, como referem Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari, “Pessoa sempre foi essencialmente múltiplo e nada impede que o seja ainda mais, até porque todo o processo de levantamento depende de critérios de admissão e de exclusão”; então, os “*vestígios ficcionais*” que constroem essas múltiplas *personae* talvez não se circunscrevam apenas nem aos “nomes inventados ou nomes reais ficcionados” pelo próprio Pessoa, nem a toda a “inscrição ou [...] testemunho” detetável no seu arquivo (PESSOA, 2016: 15). Outros vestígios encontrar-se-ão parcialmente *hors texte* (ou melhor, *hors archives*), no *com-texto* que enforma o modo como leitores e editores (mais ou menos especializados) se abeiraram desse arquivo e das muitas antologias nele remontáveis. Retecendo os fragmentos que constituem esse arquivo, num processo de releitura e reelaboração (nunca alheio às circunstâncias pessoais e contextuais de quem o protagoniza), esses leitores e editores construíram / descobriram novas máscaras e novas narrativas do caleidoscópio sem fim que é Pessoa. Afinal, como lembra Jerónimo PIZARRO em outro lugar (2018: 54), “o sentido de um texto [...] dificilmente pode ser inferido sem atender” ao “local de pouso, da localização de uma folha num arquivo e das características materiais de todo o escrito”, mas também “sem atender à história e ao contexto da publicação e da circulação do escrito”, as quais, em última análise, não dependem apenas da determinação do seu autor. Dependem também dos processos (materiais e interpretativos) de seleção, corte e remontagem dos textos pessoanos em novos contextos.

A reinvenção de uma *casa insular*: Trabalho da memória, receção da obra de Pessoa nos Açores e retrato de outra(s) máscara(s) pessoana(s)

Depois de, pela mão de vários autores (açorianos e não açorianos), termos realizado a viagem possível até à casa da rua da Palha em 1902, indo também ao encontro dos papéis que, a partir dessa habitação transitória, Pessoa nos deixou, regressemos ainda à mesma casa, dando um salto até à década de 1970, para nos determos nas palavras inscritas numa das suas paredes, depois das “escavações pessoanas” promovidas por *Glacial* em 1972: “Residência temporária em maio de 1902 do insigne poeta Fernando Pessoa oriundo desta cidade pelo lado materno”.

A esta inscrição, associemos a eloquente expressão que Carlos Faria, nessa altura e ao lado de um retrato de “Fernando Pessoa por Almada Negreiros”, utilizou na primeira página de *A União* (FARIA, 1972^a: 1), quando anunciava a publicação do “suplemento ‘Glacial’ em edição especial de 4 páginas de homenagem a Fernando Pessoa e comemorativo da sua passagem por Angra em Maio de 1902” (Fig. 4). Carlos Faria referia-se então a Fernando Pessoa como o “quase poeta açoriano”.

Interessa notar que este n.º 76 de *Glacial* abre, como habitualmente, com duas epígrafes, desta vez tomadas de empréstimo a Shakespeare (“A história de um homem é sempre admirável”) e, antes desta, ao poema “Pecado Original” de Álvaro de Campos, embora impropriamente atribuído a Fernando Pessoa (“Ah, quem escreverá a história do que poderia ter sido?”; Fig. 12). Como sempre acontece no recurso à citação epigráfica, os versos reproduzidos indicam pistas para aquilo que o leitor pode encontrar nas páginas seguintes. Assim, se as palavras de Shakespeare nos apontam para o registo de homenagem à história de vida e à história literária de Pessoa, que, como vimos anteriormente, estivera na génese das “escavações pessoanas” promovidas por *Glacial* (cujos resultados seriam agora, em parte, publicados no n.º 76), a citação de “Pecado Original”, embora reforçando essa pista pela atribuição do poema a Pessoa, abria outros indícios.

Por um lado, provava que o suplemento angrense, pese embora a insularidade da Terceira, não era estranho à obra pessoana, na sua pluralidade de vozes autorais e na sua heterogeneidade e experimentação poéticas. Aliás, a consulta dos 104 números da 1.ª série de *Glacial* confirma a existência de várias edições que publicaram textos *de e sobre* Pessoa,²² tendo inclusivamente o seu n.º 1, datado de 15-07-1967 e dedicado a António Botto, apresentado na página 1 uma outra epígrafe atribuída a Pessoa (“Considero António Botto o meu maior mestre na poesia”). Desta continuada presença de vozes pessoanas em *Glacial* e da circularidade que liga o n.º 1 ao n.º 76, poder-se-á concluir que o suplemento subintitulado “a união das letras e das artes”, desde a sua génese, se colocava sob uma certa égide pessoana, que, não sendo obviamente exclusiva, justificava, por exemplo, o entusiasmo com que o seu coordenador recebera a notícia de Pedro da SILVEIRA, sobre a visita do jovem Fernando a Angra em 1902 (1975: 100).

Por outro lado, a escolha de um verso de “Pecado Original”, poema onde Campos equaciona a relação tríplica entre verdade / realidade, palavra / linguagem, e pensamento / imaginação (assumindo uma perspetiva teórico-filosófica que, por exemplo, desmonta conceções essencialistas de identidade que, desde o século XIX, tinham sido especialmente caras a um certo regionalismo identitário e estético açoriano), aponta-nos para aquele que será, talvez, o principal propósito dessa edição de *Glacial*, afinal também decorrente de um ensinamento colhido no poema

²² Os 104 números da 1.ª série de *Glacial* (enquanto foi publicado como suplemento do jornal *A União*) encontram-se disponíveis em: <https://karlosfaria.wordpress.com/2015/11/05/gtodo/>.

de Álvaro de Campos. Afinal, em “Pecado Original”, Campos assume que a verdadeira história do que somos (*ser*) não se reduz a um *haver, ter* ou *existir* na vida vivida no dito “mundo verdadeiro”. A verdadeira história do que *somos* situa-se num outro domínio: o da “alma”, da “imaginação” e da “inteligência”. Por isso, *somos* sobretudo “quem nos supusemos”, mas “não conseguimos nunca” concretizar para além da “alma”, da “imaginação” e da “inteligência”. Neste sentido, “a verdadeira história da humanidade”, a narrativa do que *é ser* humano corresponderá sempre a um ato de linguagem e fingimento, aqui obviamente pensado no sentido da teorização do fingimento poético em PESSOA (2014: 288-289; 654).

Ora, parece-nos ser também este, até certo ponto, um dos pressupostos que subjazem quer ao desafio para as “escavações pessoanas” lançado por *Glacial*, quer à edição do seu n.º 76. Reconstruindo a narrativa da viagem de Pessoa a Angra em 1902 (e de outras *viagens* posteriormente ocorridas apenas por mediação textual), assim como a narrativa da sua relação com os Açores, imaginava-se uma possibilidade de *ser açoriano* e de *ser literatura açoriana* (poeta açoriano) nunca concretizada (à luz do que seria a perspetiva de Carlos Faria e de outros seus companheiros de *Glacial*); uma possibilidade de *ser açoriano* e de *ser literatura açoriana* que já *era*, porque fora imaginada e verbalizada, e que talvez pudesse vir de facto a existir no arquipélago, num quadro histórico-cultural que, como veremos de seguida, era então de profunda questionação identitária e de reequação do que seria ou poderia vir a ser a literatura açoriana. Neste sentido, e em abono da verdade, a conceção performativa da linguagem que Faria parece partilhar até certo ponto com Álvaro de Campos, assume, em *Glacial*, um carácter bem mais politicamente interventivo do que aquele que era equacionado pelo heterónimo de Pessoa. Uma deriva de Carlos Faria que não será alheia à proximidade (também ideológica) que, nas páginas do suplemento angrense, se evidenciava em relação à *literatura de combate*, sobretudo anticolonial, criada por autores africanos de língua portuguesa e também divulgadas nos Açores, através das páginas de *Glacial*.

Ora, tanto a expressão inscrita na parede da rua da Palha, quanto a que Carlos Faria, em *A União* (um dos mais antigos jornais do arquipélago), utilizou para se referir a Pessoa (situamo-nos, portanto, no domínio da inscrição no espaço público insular, com o manifesto propósito de fazer incorporar na memória cultural do arquipélago o que essas inscrições afirmavam) exprimem inequivocamente duas intencionalidades.²³

²³ Na sua proposta de instalação da placa evocativa da viagem de 1902, FARIA argumenta: esta casa “possui a partir de agora uma importância particularmente atraente. Mais um alto ponto se acrescenta ao roteiro cultural de Angra” (1972a: 1). A proposta apresentada à Câmara Municipal constituía a “afirmação” de um grupo de açorianos (de sangue e de coração) que, “à volta do poeta e das suas ligações com a cidade”, assumiam que Pessoa “já pertenc[ia] à própria cidade” (FARIA, 1972a: 1).

Em primeiro lugar, apresentar Angra como uma das *casas* de Pessoa, ainda que transitória e nem sempre reconhecida dentro e fora do arquipélago. Uma casa entendida como edifício e território geográfico de habitação, apesar de não definitiva; e um espaço afetivo e simbólico-identitário de pertença não exclusiva. Factos históricos atestados pelos trabalhos de genealogia de Pedro de Merelim publicados em *A União* nos meses anteriores, mas também pela tentativa de reconstituição da(s) viagem(s) de Pessoa aos Açores (a pessoal de 1902 e as outras *viagens* posteriores, meramente textuais) por parte de Pedro da Silveira na edição especial de *Glacial*, e, nesta mesma publicação, pelo testemunho (embora pouco esclarecedor) registado na entrevista de Valdemar Mota a D. Guiomar, a “senhora, com 92 anos”, ainda familiar dos Nogueira Rosa, que “conheceu e se lembra[va] do Poeta da ‘Mensagem’ quando ele esteve na Ilha Terceira há 70 anos” (MOTA, 1972: 2; cf. Fig. 12).

Assim, os promotores das “escavações pessoais” angrenses legitimavam a reclamação de Pessoa como *seu*: um Pessoa terceirense e, por extensão, açoriano, porque familiarmente vinculado a Angra, mas também porque os Açores (e não exclusivamente a Terceira) – o seu território, as suas instituições, os seus leitores e escritores – haviam sido *casa*, espaço de acolhimento para Pessoa e a sua obra. Porém, um terceirense e açoriano, cujo perfil cosmopolita, desenraizado e (como lhe chamou Jorge de Sena) *indisciplinador de almas* (mesmo nas suas máscaras porventura mais conservadoras), se distanciava claramente do retrato essencialista e insulado que, desde o início do século XX, tendia a dominar o debate sobre a açorianidade²⁴, em grande medida fomentado pelo investimento na afirmação de uma literatura açoriana. A este respeito, Onésimo Teotónio Almeida refere:

[...] desde o final do Século XIX [...] uma burguesia local dinâmica e os restos de uma pequena aristocracia apoiam a publicação de estudos sobre folclore, etnografia e história local, assim como a reedição de obras importantes da bibliografia açoriana e da tradução de livros de viagens escritos por estrangeiros que visitaram os Açores, ou nas ilhas viveram por algum tempo. Estas manifestações culturais acentuam-se ao longo das décadas do regime salazarista. Tal como no continente, um pesado conservadorismo social facilita a acção da censura institucionalizada. Muita da literatura deste período é regionalista no sentido estrito da palavra. Embora nalguns casos atinja uma qualidade etnográfica, ela explora uma visão edénica da vida nas ilhas, ingénua em termos sociais e políticos. Tecem-se louvores à vida tradicional defendendo-se a sua superioridade, em contraste com o estado mais caótico do mundo. Entretanto, essa literatura definitivamente dá voz ao ponto de vista da classe dominante, já que a dureza que a maioria dos açorianos tinha de suportar na vida diária não

²⁴ Açorianidade é o termo utilizado para designar a identidade açoriana. Foi cunhado por Vitorino Nemésio (ilha Terceira, 1901 – Lisboa, 1978), num artigo de 1932, publicado no n.º 8 de *Insula, Revista Mensal Ilustrada* (edição dedicada ao quinto centenário dos Açores, p. 245), por inspiração do termo *hispanidad*. Esta sua primeira conceptualização foi fortemente influenciada pelo modelo essencialista e etnocêntrico a que, desde o século XIX, se recorreu para definir as identidades nacionais. Sobre a evolução histórica do conceito de açorianidade, ver ALMEIDA (2011a).

lhes permitia gozar tais belos cenários nem ter parte dos benefícios sociais dos poderes estabelecidos [...].

De facto, estas características conservadoras aplicam-se à maior parte da literatura açoriana da primeira metade do Século XX publicada nas ilhas [...]. Algumas dessas vozes mantêm-se até às décadas recentes, uma vez que as tentativas de romper as barreiras, levadas a cabo por alguns grupos inovadores, não erradicaram o tipo de expressão literária predominante, que não só podia ser publicada com facilidade, mas recebia também louvor e apoio do *status quo* [sic].

(ALMEIDA, 2011b: 58)

Por outro lado (e na sequência da implicação que se pode encontrar entre o debate sobre a *açorianidade* e a criação literária açoriana), quer a expressão de Faria (Fernando Pessoa um “quase poeta açoriano”), quer a adjetivação laudatória “insigne poeta Fernando Pessoa” presente na parede da rua da Palha nos remetem para esse campo específico do sistema cultural açoriano, particularmente ativo em Angra, no início dos anos 1970. Ou seja, remetem-nos para o campo da literatura açoriana (com todas as fragilidades próprias de um sistema literário em recente formação), que, segundo João de MELO (1982: 76-89) e Onésimo Teotónio ALMEIDA (2011b: 62-76), era então discutido crítica e autocriticamente nas páginas de *Glacial*.

Congregando, como o subtítulo fazia antever (“a união das letras e das artes”), vozes literárias e de outras áreas artísticas, provenientes de diversos universos geoculturais (de várias ilhas do arquipélago, da metrópole e também dos territórios ultramarinos),²⁵ *Glacial* surge entre 1967 e 1974 como espaço de confluência e debate de uma nova geração açoriana, que procurava a renovação estética, poética, político-identitária e ideológica. Aberto ao diálogo com “gerações etárias e conceptuais distintas” (MELO, 1982: 76-77), divulgou vozes divergentes ou até mesmo contrárias ao conservadorismo dominante na sociedade açoriana (ALMEIDA, 2011b: 61). Nas páginas de *Glacial*, “a falta de liberdade de expressão” (tão própria do período do Estado Novo e talvez intensificada no sistema cultural dos Açores por um certo conservadorismo estruturante), “encontrou na poesia e na prosa metafórica um modo de intervenção social e política”, fazendo da “crítica literária” um “modo indirecto de criticar a ideologia oficial” (ALMEIDA, 2011b: 64). Esta, no campo literário, enquistara-se na valorização de perspetivas conservadoras regionalistas, ufanistas e tradicionalistas, com que a *novíssima geração* não se identificava.²⁶

²⁵ Em *Glacial* colaboraram, entre muitos outros: os angrenses J. H. Santos Barros, Emanuel Félix e Luiz Fagundes Duarte; os micalenses Armando Côrtes-Rodrigues e João de Melo; o picoense Urbano Bettencourt; os metropolitanos Carlos Faria e Ivone Chinita; os angolanos David Mestre e João-Maria Vilanova; o moçambicano José Craveirinha; os madeirenses Herberto Helder, A. J. Vieira de Freitas e António Nelos; etc.

²⁶ *Novíssima Poesia Açoriana* foi o título dado, em 1964, a uma antologia de novos poetas insulares, organizada por J. H. Santos Barros e Gil Reis. J. H. Santos Barros viria a ser, já nos anos 1970, ainda com Carlos Faria, um dos principais dinamizadores de *Glacial* (ALMEIDA, 2011b)



Fig. 12. *Glacial*, n.º 76, 09-05-1972, pp. 2-3.

Segundo João de MELO, em *Glacial* assistia-se, então, ao “despertar duma consciência colectiva para a identificação da cultura local com o seu preferencial destinatário – o povo dos Açores” (1982: 77); porém, acrescenta, “situando-se nos antípodas duma cultura curricular, respeitando os valores tradicionais em conjugação com a necessidade de permeabilidade essa cultura aos juízos de vanguarda” (MELO, 1982: 77).

Pese embora a heterogeneidade desta *novíssima geração* que, entre outros projetos editoriais, iniciativas culturais e grupos sediados sobretudo em Angra, encontrou em *Glacial* um dos seus órgãos de divulgação e de debate identitário, político e também estético-literário, havia entre os elementos que a integravam “um forte desejo de provocar uma mudança no meio”, cujas “estruturas profundas” o “mantinham num isolamento dificilmente permeável a outros ventos” (ALMEIDA, 2011b: 64). Uma mudança que começaria por “comprovar *in loco* a articulação possível duma expressão insulana, bem mais específica do que autónoma, com o espaço português”, pensado na sua pluralidade geocultural, e sem excluir do seu mapa universos como os Açores ou, por exemplo, os espaços ultramarinos colonizados, que, apesar da sua riqueza e complexidade cultural, quase sempre permaneciam ocultos ou esquecidos na cartografia do todo nacional e do mundo (MELO, 1982: 76).

Portanto, abertura cosmopolita bidirecional, pluralidade e transgressão identitárias, ecletismo estético e arrojo inovador na experimentação criativa constituíram valores marcantes para a nova geração açoriana. E, de facto, através de projetos artísticos e culturais como *Glacial*, estes *novíssimos* tentavam inscrever esses valores no sistema cultural insular, tomando-os como sendo também próprios do arquipélago. Respondiam, assim, contra a retórica e a estética do regionalismo restrito, ultraconservador e anquilosante que desde o século XIX dominava os Açores. Deste modo se compreende por que motivo a recuperação da ligação familiar e literária de Pessoa aos Açores, assim como a imaginação de um Pessoa “quase poeta açoriano” eram tão caras à coordenação de *Glacial*. Na verdade, os valores norteadores deste suplemento em muito se identificavam com alguns dos que se reconheciam no autor português que, à data da sua morte, era apresentado pela “imprensa insulana” como um “notável escritor da vanguarda” (SILVEIRA, 1972: 5).²⁷

Reclamar Pessoa como *seu* (terceirense e, por extensão, açoriano) e como *da sua literatura açoriana* não correspondia apenas à tentativa de dignificação do património cultural do arquipélago, pela inclusão de um “insigne poeta” no sistema cultural açórico, determinada pela existência de vasos comunicantes de valor acrescido entre os Açores, o todo nacional português e outros universos internacionais cosmopolitas. Consideramos que essa reivindicação no início dos anos 1970 deve ainda ser lida como um gesto talvez mais subversivo, na medida em que, ao desenhar essa *persona* açoriana de Pessoa, *Glacial* questionava a validade dos conceitos quer da açorianidade essencialista e ultraconservadora, quer da literatura açoriana regionalista, ambos ainda dominantes no sistema cultural do arquipélago, mas tão distantes do que haviam sido a vida e a obra desse “insigne poeta”. Ao mesmo tempo, pelas afinidades detetáveis entre os valores associados à vida e à obra de Pessoa, por um lado, e aqueles que *Glacial* defendia, por outro, o suplemento de *A União*, ao reclamar esse “notável escritor da vanguarda” como *seu*, legitimava quer o paradigma de açorianidade (e de portugalidade) plural e tensional que defendia quer a proposta de uma nova literatura açoriana eclética, cosmopolita e moderna que a *novíssima geração* tentava inscrever no sistema cultural do arquipélago.

O destaque que, aqui, atribuímos a *Glacial* não significa que o gesto de reivindicação de Pessoa para os Açores e para a literatura açoriana se possa circunscrever às “escavações pessoanas” promovidas por esse suplemento em 1972. Antes e depois deste episódio, foram vários os momentos em que o sistema cultural açoriano recebeu Pessoa e a sua obra como sendo também *seus*, ao privilegiar

²⁷ Silveira esclarece que, com esta expressão, se reportava ao destaque (não inteiramente acompanhado pelos outros jornais de Angra, Ponta Delgada e Horta) concedido ao falecimento de Pessoa pelo *O Distrito*, diário micaelense “dirigido (e principalmente redigido) por Rebelo de Bettencourt (participante, em 1917, da aventura do Portugal Futurista – aliás ‘virado’ em Bettencourt-Rebelo, por imposição de Santa Rita Pintor)” (SILVEIRA, 1972: 5).

processos de leitura que revisitavam a relação do autor modernista com os Açores: umas vezes recuperando a viagem de 1902 a Angra e os laços familiares que, pelo lado materno, faziam dele um descendente de açorianos; outras, evocando a colaboração de vários insulares em projetos conduzidos por Pessoa, neste último caso, ganhando especial protagonismo Armando Côrtes-Rodrigues, quer pela sua colaboração em *Orpheu*, quer pela amizade que os uniu e que ficou documentada em correspondência publicada em 1945, por Joel Serrão, depois de uma demorada estada do organizador em São Miguel (BETTENCOURT, 2020a: 85).²⁸

De forma não exaustiva e a título meramente exemplificativo, lembremos dois desses momentos posteriores a 1972. Em 1988, no ano do primeiro centenário pessoano e no âmbito da IX Semana de Estudos dos Açores, subordinada ao tema *O Conhecimento dos Açores Através da Literatura*, o Instituto Açoriano de Cultura, em Angra, acolheu a comunicação “Poesia e insularidade em Fernando Pessoa” de José Augusto Seabra, onde, como já salientámos, o autor dá especial destaque à viagem de 1902 e defende (para nós de forma questionável) a existência de uma insularidade ontológica na obra pessoana (SEABRA, 1988). Mais recentemente, por ocasião dos 115 anos da passagem de Pessoa pela Terceira e com o declarado propósito de afirmar Angra como uma cidade pessoana, o mesmo Instituto Açoriano de Cultura promoveu, a 8 de maio de 2017, uma conferência de Fernando Cabral Martins intitulada “Relações açorianas de Fernando Pessoa”. Também aqui a visita à família angrense e as figuras autorais que, por essa ocasião, Pessoa criou para os seus jornalinhos são objeto central de análise (CABRAL MARTINS, 2018).

Por outro lado, o texto que Pedro da Silveira publicou em *Glacial* (“Fernando Pessoa nos Açores e as suas outras viagens”), elenca momentos anteriores, em que o autor modernista *viajara* até ao arquipélago, sendo aqui acolhido como um dos *seus*. Viagens que, nestes casos, haviam transportado já não o jovem Fernando como em 1902, mas sobretudo as *personae* textualmente construídas quer em cartas trocadas e em recados trazidos e levados por amigos açorianos, quer em artigos e notícias publicados na imprensa local, quer, obviamente, nas próprias obras de Pessoa que circulavam nas ilhas. Não podendo deixar de ser lida como uma estratégia que reforça a argumentação de Silveira quanto à ligação entre Pessoa e o sistema cultural açoriano, essa listagem dá conta da existência de uma efetiva linha de continuidade (com necessárias especificidades) na receção do autor modernista nos Açores.

²⁸ Urbano BETTENCOURT (2020: 90) baliza essa correspondência entre 06-03-1913 e 04-08-1923, embora notando que “estes limites são [...] enganadores: o bloco mais extenso da correspondência situa-se em 1915 (13 cartas), e de 1916 a 1923 vão sete anos de silêncio, tendo em conta que 1913 e 1923 registam apenas uma carta cada, fica-nos a constatação de que é no triénio 1914-1916 que o carteamto atinge o seu volume mais significativos”.

Em “Apêndice” ao artigo, Silveira lembra (e transcreve) a recensão de Alice Moderno publicada n’*A Folha* de Ponta Delgada a 16-06-1915, que atestava a entusiástica receção do n.º 1 de *Orpheu* por parte desta poetisa açoriana. Sem deixar de referir que, entre os colaboradores de *Orpheu*, se encontrava Côrtes-Rodrigues, Alice Moderno, fascinada pela “composição Ode Triunfal, do sr. Álvaro de Campos”, ousara transcrever em *A Folha* a “parte final” do poema, declarando que o fazia para “surpresa e edificação do leitor” micaelense (SILVEIRA, 1975: 183).

Silveira evoca também as já referidas cartas de Pessoa ao criador de *Violante de Cysneiros*, onde surgiam indícios de a lista de assinantes de *Orpheu* se ter estendido aos Açores. Uma suspeita que, em seu entender, parecia ser confirmada pela notícia do aparecimento, em Ponta Delgada, de exemplares do n.º 1 da revista de 1915, por ocasião da publicação daquelas cartas.

Recorda, depois, o modo sentido como Rebelo de Bettencourt, n’*O Distrito*, anuncia a 03-12-1935, “o falecimento do poeta e escritor vanguardista Fernando Pessoa”, lembrando o convívio entre eles havido ao longo de “perto de quinze anos, na melhor e na mais elegante camaradagem” (SILVEIRA, 1975: 185-186). Uma notícia que SILVEIRA também transcreve e anota, esclarecendo que Rebelo de Bettencourt fora “participante, em 1917, da aventura do Portugal Futurista”, onde o seu nome surgira “‘virado’ em Bettencourt-Rebelo, por imposição de Santa Rita Pintor” (1975: 185-186). Esclarecimento este que nos faz perceber por que razão o jornal açoriano *O Distrito* lia Pessoa como um vanguardista.

Por fim, Pedro da SILVEIRA destaca ainda a precoce “homenagem a Fernando Pessoa” realizada em Ponta Delgada em 1944, quando, “salvo em Lisboa, Coimbra e Porto, o nome de Fernando Pessoa [...] não era ainda daqueles que se pudessem dizer familiares nas páginas da imprensa” (1975: 186-187). Neste caso, será importante determo-nos com maior cuidado, seja porque relativamente a ele há hoje acesso a documentação por estudar, seja pelo que de semelhante e diferente nele encontramos quando o comparamos com o caso *Glacial*.

Pedro da Silveira nota que a *visita* de Pessoa a São Miguel, em 1944, se desdobrou em dois momentos. Em primeiro lugar, a “palestra sobre poesia modernista portuguesa, ocupando-se sobretudo da geração do *Orpheu*”, proferida por Joel Serrão no Liceu Antero de Quental (SILVEIRA, 1975: 187). Depois e, em certa medida, decorrente dessa conferência, a edição de “um número” do semanário *A Ilha* (Figs. 14 a 16), dedicado na sua quase totalidade, “ao grande poeta da ‘Ode Marítima’”, onde, para “além dum retrato e duma nota justificativa da redação”, e de “uma antologiazinha de poemas do Fernando Pessoa ortónimo e dos seus heterónimos Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis”, se incluíram colaborações de vários leitores do autor modernista: “‘A propósito das cartas inéditas de F. P.’, por Armando Côrtes-Rodrigues; ‘Apontamentos para um ensaio sobre F. P.’, por Diogo Ivens; ‘Breves notas sobre a poesia de F. P.’, por Egito Gonçalves, e ‘Perfil de F. P.’,

por Virgílio Filipe”, este último correspondendo à versão escrita “duma conferência, que o autor proferiu no mesmo dia da ‘homenagem’” (SILVEIRA, 1975: 187).

A respeito deste conjunto de iniciativas micaelenses de 1944, o próprio Pedro da SILVEIRA, em outro lugar, integra-os no “tempo literário açoriano da década dos 1941-1950, e, em especial, [n]o que então fizeram em Ponta Delgada alguns rapazes açorianos e do continente [...], colaboradores quase todos d’*A Ilha*, ou sobretudo d’*A Ilha*”, e que viriam a ser os responsáveis pela “faísca do Modernismo tardio que tivemos” nos Açores (1986: 31-32). Entre estas ações, destaca, como “acontecimento mais importante destes tempos”, a conferência de Joel Serrão, por dela ter decorrido a publicação das cartas de Pessoa a Côrtes-Rodrigues, mas também pelo que “contribuiu muito para reforçar a posição dos novos” (SILVEIRA, 1986: 31-32 e 35).

Estes *novos* d’*A Ilha* dos anos 1940 não eram, obviamente, os *novíssimos* de *Glacial* na transição entre os anos 1960 e 1970, ainda que autores dos primeiros *novos* (como Pedro da Silveira, por exemplo) tenham colaborado em projetos dos segundos *novíssimos*. Vivendo contextos distintos (na década de 1940 não devendo ser esquecido o impacto que o Estado Novo e a II Guerra Mundial neles teria), dialogando com parceiros diversos e tendo entre as suas leituras outras referências, os *novos* que, no início dos anos 1940, acolheram Pessoa em Ponta Delgada, seriam movidos por outros propósitos específicos que não os de *Glacial*. Comum a ambos há, no entanto, dois aspetos: serem grupos heterogêneos, com orientações estéticas e ideológicas diversas; manifestarem um empenho muito ativo na renovação do sistema cultural e literário dos Açores, decorrente de uma inequívoca não identificação quer com o tradicionalismo conservador, quer com o regionalismo idealizante e confinador que se mantiveram dominantes no arquipélago ao longo do tempo.

A leitura do n.º 663 d’*A Ilha* permite-nos concluir que, desta vez, a receção de Pessoa nos Açores não foi mediada pela evocação da visita do jovem Fernando a Angra em 1902 ou dos laços familiares que o ligavam à Terceira. Um e outros dados biográficos não surgem nos textos de homenagem aí publicados. Estimulados pela anterior conferência de Joel Serrão e pela notícia da publicação das cartas de Fernando Pessoa para Côrtes-Rodrigues, os responsáveis por essa edição d’*A Ilha* esclareciam numa nota da redação, logo na primeira página, os motivos e o contexto daquela edição especial do semanário. A ideia nascera, “em S. Miguel, por sugestão de “um novo, seu [de Pessoa] admirador apaixonado”, e com um duplo propósito: homenagear “um dos mais altos valores das nossas letras, nos últimos tempos”, fazendo “à sua obra e à sua personalidade a justiça devida”, sobretudo por se considerar que o seu envolvimento na criação da revista *Orpheu* fora determinante para “iniciar um movimento de renovação no campo das ideias” em Portugal; e contribuir para que, nos Açores, “o público conhecesse um pouco de Fernando Pessoa” (S. N., 1944: 1).



Figs. 13, 14 e 15. *A Ilha*, n.º 663, 16-12-1944, pp. 1-3.

Este conhecimento, nas páginas d’*A Ilha*, era facultado de forma direta, através da publicação de uma pequena amostra de poemas assinados pelo ortónimo, por Caieiro, por Campos e por Reis, a que se juntava um retrato do escritor. Para além disso, a edição incluía quatro textos assinados por leitores atentos da obra pessoana, que, assim, orientavam a receção da obra do autor modernista nos Açores. Três desses textos eram assinados por jovens escritores pertencentes ao grupo dos *novos* de Ponta Delgada, nem todos açorianos (registre-se): Diogo Ivens, Egito Gonçalves e Virgílio Filipe. Mas antes dos textos destes três *novos*, era publicado “A propósito das Cartas inéditas de Fernando Pessoa”, testemunho de Armando Côrtes-Rodrigues, que, no próprio texto, se apresentava como amigo íntimo do homenageado e como o “o único destas Ilhas que entrou no movimento de Orfeu”, ilhas essas que, até então, haviam conservado aqueles documentos que Côrtes-Rodrigues considerava serem os mais importantes, porque mais reveladores da genialidade de Pessoa:

Poderia a propósito escrever sôbre êle qualquer nota de intimidade, mas quero apenas registrar nestas linhas o facto dessas cartas terem aparecido nos Açores e de ter sido nêste pedaço de Portugal esquecido entre as águas do Atlântico que surgiram os melhores documentos sôbre Fernando Pessoa e isto precisamente na oportunidade em que, despertado o interêsse do público, vinham contribuir para uma maior compreensão do seu génio poético. Como um daqueles amigos a quem o Poeta mais confidencialmente se revelou e como açoreano, o único destas Ilhas que entrou no movimento de Orfeu, de que êle foi a alma, alegro-me por ter podido contribuir assim para a justiça [...] ao valor da sua obra, quando Fernando Pessoa ocupa já entre os maiores poetas de Portugal o lugar que lhe era devido.

(CÔRTEZ-RODRIGUES, 1944: 1)

Os textos dos três *novos*, nitidamente conduzidas pela lente presencista então em voga²⁹ (embora, por momentos, se possa neles também reconhecer o eco de preocupações estéticas e éticas já próximas do neorrealismo³⁰), destacam na obra pessoana não só a sua dimensão metafísica, mas sobretudo um caráter extremamente inovador, que havia modernizado radicalmente a literatura portuguesa, contra o conservadorismo mumificante que dominava o sistema cultural português do seu tempo. Compreende-se, assim, por que motivo a figura e a obra de Pessoa eram motivos de especial interesse para estes *novos* de Ponta Delgada. À revelia das distâncias estéticas e conceptuais (ora mais presencistas, ora mais afetos às propostas neorrealistas) que os poderiam afastar entre si e até da obra pessoana, unia-os esse mesmo propósito de revolução modernizadora do sistema cultural e literário dos Açores. Trazer Pessoa até às páginas d' *A Ilha* cumpria, pois, a mesma função que já identificámos em *Glacial*: legitimar a necessidade dessa modernização proposta pelos *novos*, apresentando Pessoa como modelo que também o fizera no seu tempo:

Irmão maior de Camões e de Antero, F. Pessoa vive profundamente o drama da poesia portuguesa, entalado no formalismo lírico da poética nacional, até ao momento em que a expansividade natural do seu génio se liberta do convencional, abrindo vastíssimos horizontes ao panorama da nossa poesia, quer na ideia, quer na forma.

Só por isso, F. Pessoa merecia o mais justo reconhecimento das gerações posteriores, pois que a sua poesia, longe de se fechar a estranhos, ou de encerrar um ciclo poético, pôs, ante os nossos olhos, um novo mundo de temas até aí interdito à poesia e criou, ou introduziu, uma nova técnica de expressão formal, enriquecendo, dêste modo, a nossa língua.

(FILIPE, 1944: 3)

No caso do testemunho de Côrtes-Rodrigues, a situação é diversa. Autor que, segundo Urbano BETTENCOURT, depois do regresso aos Açores, se fora gradualmente acomodando “aos parâmetros do regionalismo literário dos anos 20”³¹, em 1942

²⁹ SILVEIRA regista que “Diogo Ivens, cuja geração, pela idade [...] como nos gosto, é da *Presença*, tinha frequentado em Lisboa, à roda de 1927, grupos literário-artísticos de que alguns componentes haviam tido ligações com os do *Orpheu* e a *Contemporânea*, e colaborara, uns dez anos depois, n' *O Diabo*” (1986: 32).

³⁰ Silveira reconhece em Virgílio Filipe a adesão ao neorrealismo, desde a década de 1940. E no texto de FILIPE podemos ler essa viragem para um novo conceito de modernidade, já distinto do da *presença*, mas que, ainda assim, reconhecia mérito na obra de Pessoa: “Foi a Geração ‘presencista’, a anterior à Moderna Geração, quem chamou a atenção dos seus contemporâneos para o nome do Grande Poeta, mas são, já, os poetas da Moderníssima Geração quem procura fazer justiça [...] E é tanto mais nobre e bela a acção dos novos Poetas, quanto a Moderna Poesia já se distancia vincadamente, nos conceitos de Arte, da Poesia metafísica de Fernando Pessoa” (1944: 3)

³¹ Pedro da SILVEIRA dirá, a respeito desta fase: “Armando Côrtes-Rodrigues era então para mim só autor de *Em Louvor da Humildade* e do *Cântico das Fontes*, um tipo de poesia do qual nunca fui consumidor. E só li *Os Cantares da Noite* em 1944, depois de achar um exemplar do livro numa livraria em Lisboa” (1986: 32).

publicava *Cantares da Noite – Seguidos de Poemas de Orpheu*, sinalizando, assim, “um outro magistério, mais consentâneo com *Orpheu* decerto, embora também mais discreto e reservado” (2020a: 88-89). Não surpreende, por isso, encontrarmos Côrtes-Rodrigues nas páginas do n.º 663 d’*A Ilha* e ao lado dos *novos*.

Na verdade, a imagem de Pessoa construída no texto de Côrtes-Rodrigues é uma vez mais orientada pela reivindicação da existência de uma estreita relação entre o processo criativo do autor modernista e o sistema cultural açoriano. Para Côrtes-Rodrigues, a íntima cumplicidade que mantivera com Pessoa ao longo de anos (comprovada pelas cartas que seriam publicadas em breve por Joel Serrão) fizera com que os Açores se instalassem de alguma forma na obra pessoana e com que Pessoa não deixasse de estar presente no arquipélago. Este fora, afinal, a casa última que conservara, quase em segredo, e mesmo depois da morte do autor, aquilo que eram “os melhores documentos sôbre Fernando Pessoa”, capazes de “contribuir para uma maior compreensão do seu génio poético” (CÔRTESE-RODRIGUES, 1944: 3).

Portanto, em *A Ilha*, o testemunho deste colaborador açoriano de *Orpheu* e amigo íntimo de Pessoa demonstrava como, afinal, “em Ponta Delgada também [podia] acontecer modernismo” (SILVEIRA, 1986: 32), legitimando as propostas mais modernizadoras dos *novos*. Por seu lado, a inclusão do testemunho de Côrtes-Rodrigues lado-a-lado com estes *novos* e resgatando para a memória cultural do arquipélago um seu passado modernista, conferia ao autor de *Cantares da Noite – Seguidos de Poemas de Orpheu* a aura de rejuvenescimento modernizador que parecia apostado em recuperar.

Não constituindo um levantamento exaustivo da recepção de Fernando Pessoa nos Açores, e não ignorando que muitas outras formas de ler e reler o seu arquivo (de forma mais direta ou mediada pela leitura de outros leitores e críticos) terão coexistido com aquelas que aqui enumerámos, a análise apresentada procurou confirmar que, no sistema cultural açoriano, a recepção da obra pessoana, não raras vezes, tem sido pautada pelo resgate da memória de uma íntima ligação do autor modernista ao arquipélago: ligação familiar, mas também ligação criativa. Ocorrendo em contextos histórico-culturais diferentes, envolvendo agentes culturais diversos e, por conseguinte, sendo movidos por intencionalidades específicas eventualmente distintas (mas quase sempre orientadas para a legitimação da necessidade de modernizar as ilhas e a sua literatura), há em comum entre os casos analisados o cuidado em configurar os Açores como uma das *casas* de Pessoa, construindo, a partir daí, outra(s) máscara(s) pessoana(s) com perfil açoriano.

Bibliografia

- ALMEIDA, Onésimo Teotónio (2014). “Açorianidade. Antigas e Novas Reflexões”. *Minima Azorica. O Meu Mundo é Deste Reino*. Lajes do Pico: Companhia das Ilhas, pp. 35-44.
- ____ (2011a). “Em jeito de posfácio à segunda edição. Açorianidade: equívocos estéticos e éticos”. *Açores, Açorianos, Açorianidade. Um Espaço Cultural*. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, pp. 155-161. 2.^a edição, revista e ampliada.
- ____ (2011b). “Quadro panorâmico da literatura açoriana nos últimos cinquenta anos (1940-1989)”. *Açores, Açorianos, Açorianidade. Um Espaço Cultural*. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, pp. 55-76. 2.^a edição, revista e ampliada.
- ARAÚJO, Daiane Walker; GAGLIARDI, Caio (2015). “Jorge de Sena depois de João Gaspar Simões: a abordagem evolutiva nos estudos pessoanos dos anos 50 e 60”. *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa’s Studies*, n.º 7, primavera, pp. 67-93. Brown Digital Repository, Brown University Library. <https://doi.org/10.7301/Z0445JZR>
- BETTENCOURT, Urbano (2020a). “As cartas (não ridículas) de Pessoa a Côrtes-Rodrigues”. *Sala de Espelhos*. Lajes do Pico: Companhia das Ilhas, pp. 85-98.
- ____ (2020b) “Pedro da Silveira e a sua poesia”. *Sala de Espelhos*. Lajes do Pico: Companhia das Ilhas, pp. 175-183
- BLANCO, José (1985). “Fernando Pessoa jovem poeta”. *Colóquio/Letras*, n.º 88, nov., Lisboa, pp. 27-36.
- CABRAL MARTINS, Fernando (2018). “Pessoa nos Açores e o tempo dos heterónimos”. *Atlântida, Revista do Instituto Açoriano de Cultura*, n.º LXIII, Angra do Heroísmo, pp. 1-8.
- CÔRTEZ-RODRIGUES, Armando (1944). “A propósito das cartas inéditas de Fernando Pessoa”. *A Ilha*, n.º 663, 16 de dezembro, Ponta Delgada, pp. 1 e 3.
- FARIA, Carlos (1972a). “Flash”. *A União. Diário da Tarde*, n.º 22905, 9 de maio, Angra do Heroísmo, p. 1.
- ____ (1972b). “1902-1972. Homenagem a Fernando Pessoa. A visita do poeta à ilha Terceira em 1902”. *Glacial. A União das Letras e das Artes*, suplemento do jornal *A União*, n.º 76, 9 de maio, Angra do Heroísmo, p. 3.
- FILIPE, Virgílio (1944). “Perfil de Fernando Pessoa”. *A Ilha*, n.º 663, 16 de dezembro, Ponta Delgada, pp. 1 e 3.
- FRANÇA, Isabel Murteira (1987). *Fernando Pessoa na Intimidade*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- LEITE, José Guilherme Reis (2006). “A História na obra de Pedro da Silveira”. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, edição em linha, n.º 15, Horta, pp. 27-37. <https://www.nch.pt/biblioteca-virtual/bol-nch15/n15-4.html>
- LOPES, Teresa Rita (1990a). *Pessoa por Conhecer*, vol. I, *Roteiro para uma Expedição*. Lisboa: Estampa.
- ____ (1990b). *Pessoa por Conhecer*, vol. II, *Roteiro para uma Expedição*. Lisboa: Estampa.
- MELO, João (1982). “Um olhar sobre a literatura açoriana dos últimos vinte anos (1960-1980)”. *Toda e Qualquer Escrita. Estudos, Ensaios e Críticas de Literatura*. Lisboa: Edições Vega, pp. 65-105.
- MERELIM, Pedro de (1974). *Fernando Pessoa e a Ilha Terceira – Figuras do Ramo Materno do Poeta*. Angra do Heroísmo: IAC.
- MOTA, Valdemar (1972). “Vive em Angra quem conheceu e se lembra do poeta da ‘Mensagem’” quando ele esteve na Ilha Terceira há 70 anos – Entrevista com D. Guiomar Silvano Pamplona Corte Real em Abril de 1972”. *Glacial. A União das Letras e das Artes*, suplemento do jornal *A União*, n.º 76, 9 de maio, Angra do Heroísmo, pp. 2, 5 e 6.
- PESSOA, Fernando (2016). *Eu Sou Uma Antologia. 136 Autores Fictícios*. Editado por Jerónimo Pizarro e Patrício Ferrari. Lisboa: Tinta-da-china.
- ____ (2014). *Obra Completa de Álvaro de Campos*. Edição de Jerónimo Pizarro e António Cardiello. Lisboa: Tinta-da-china.

- _____ (1981). *Fernando Pessoa, el eterno viajero: catálogo*. Seleção por Teresa Rita Lopes e tradução por Maria Fernanda de Abreu. Lisboa: Secretaria de Estado de Cultura de Portugal.
- PIZARRO, Jerónimo (2018). *Ler Pessoa*. Lisboa: Tinta-da-china.
- S. N. (1944). "Homenagem a Fernando Pessoa". *A Ilha*, n.º 663, 16 de dezembro, Ponta Delgada, p. 1.
- SEABRA, José Augusto (1988). "Poesia e insularidade em Fernando Pessoa". *O Conhecimento dos Açores através da Literatura: Comunicações Apresentadas na IX Semana de Estudos dos Açores*, Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, pp. 245-257.
- SILVEIRA, Pedro da (1988). "Fernando Pessoa: a sua estreia aos 14 anos e outras poesias de 1902 a 1905". *Revista da Biblioteca Nacional*, vol 3, n.º 3 (set.-dez.), Lisboa, pp.97-121.
- _____ (1986). "Aqueles anos de 1940 e tal". *Da Literatura Açoriana, Subsídio para um Balanço*. Angra do Heroísmo: DRAC/SREC, pp. 31-42.
- _____ (1975), "A viagem de Fernando Pessoa à Terceira em Maio de 1902". *Atlântida. Revista de Cultura*, vol. XIX, n.º 2-3, Angra do Heroísmo, pp. 100-120 e 181-188.
- _____ (1972), "Fernando Pessoa nos Açores e as suas outras viagens". *Glacial. A União das Letras e das Artes*, suplemento do jornal *A União*, n.º 76, 9 de maio, Angra do Heroísmo, pp. 2-5.
- SIMÕES, João Gaspar (1950). *Vida e Obra de Fernando Pessoa – História duma Geração*. Lisboa: Bertrand.
- ZENITH, Richard (2021). *Pessoa. A Biography*. New York: Liveright Publishing Corporation.
- _____ (2012). *Fernando Pessoa, o Editor, o Escritor e os Seus Leitores*. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian.

ANDREIA FERNANDES nasceu em Angra do Heroísmo, a 14 de julho de 1979. Viveu em Coimbra, enquanto estudou na Universidade. Licenciou-se em Jornalismo, a que se dedicou nos primeiros anos de vida profissional, de regresso aos Açores, na imprensa e televisão regionais. Nos anos seguintes exerceu Comunicação de Marketing empresarial, complementando a sua formação com Pós-Graduação, pela Universidade Aberta, em Gestão/MBA. Criou uma marca de peças de vestuário com aplicação de bordados e rendas açorianas: atlasazores.com. É moderadora do programa “Política de Saltos Altos”, no Rádio Club de Angra, e integra a direção do Instituto Açoriano de Cultura. Tem crónicas e reportagens publicadas, e é autora da página estemeulugar.wordpress.com.

ANDREIA FERNANDES was born in Angra do Heroísmo on July 14th, 1979. She lived in Coimbra while studying at the University. She graduated in Journalism, to which she dedicated the first years of her professional life, back in the Azores, in the regional press and in television. In the following years, she worked in corporate marketing communication area, complementing her training with a post-graduate degree in Management/MBA from Universidade Aberta. She created a clothing brand with Azorean embroidery and lace: atlasazores.com. She is the moderator of the programme “Política de Saltos Altos”, on Rádio Club de Angra, and integrates the board of the Instituto Açoriano de Cultura. Also, she has published chronicles and reports, and she is the author of the website estemeulugar.wordpress.com.



ANA SALGUEIRO é doutoranda em Estudos de Cultura na Universidade Católica Portuguesa (UCP); mestre em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e licenciada em LLM-Estudos Portugueses, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. É investigadora do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura da UCP e do Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais da Universidade da Madeira. Desde 2020, colabora com o Centro de Estudos de História do Atlântico (Funchal), em regime de mobilidade, onde coordena a linha de investigação “Fotografia, Postal-Ilustrado e Cinema: Narrativas, Representações e Memórias Insulares”. Nas áreas dos Estudos Literários, Estudos de Cultura e Estudos Insulares, o seu trabalho tem-se ocupado sobretudo dos sistemas da Macaronésia Lusófona, abordando questões como: o exílio e a mobilidade humana, cultural e textual; as implicações entre cultura e poder; a relação entre fenómenos culturais, imaginários e fenómenos naturais. Este trabalho tem sido apresentado em reuniões científicas e eventos culturais, encontrando-se publicado em livros, atas e publicações periódicas especializadas, nacionais e internacionais. É coautora e atual coordenadora do projeto e revista *TRANSLOCAL. Culturas Contemporâneas Locais e Urbanas*.

ANA SALGUEIRO is a PhD candidate in Culture Studies at the Catholic University of Portugal. She has a master’s degree in African Lusophone Literature and is graduated in Portuguese Studies, both at the University of Lisbon. Ana is a researcher at the Centro de Estudos de Comunicação e Cultura (Catholic University of Portugal) and at the Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais (University of Madeira). Since 2020, Ana has collaborated with the Centro de Estudos de História do Atlântico (Funchal), where she coordinates the project “Photography, Illustrated Postcard and Cinema: Narratives, Representations and Island Memories”. As a researcher, her work, both in the field of Literary Studies and in the field of the Studies of Culture, has been mainly concerned with the Lusophone Macaronesia insular systems. Favouring interdisciplinary frameworks and approaches, Ana addresses issues such

as: exile and human, cultural and textual mobility; the implications of culture and power; the relation between cultural, imaginary, and natural phenomena. Her work has been presented and communicated at scientific meetings and cultural events and is published in national and international specialised journals and in books. She is co-author and coordinator of the project and journal *TRANSLOCAL. Culturas Contemporâneas Locais e Urbanas*.